

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA LICENCIATURA

SÍLVIA ANDRESSA PEREIRA CHOAIRY OLIVEIRA

LINGUAGEM, DISCURSO E PODER EM MICHEL FOUCAULT

São Luís
2024

SÍLVIA ANDRESSA PEREIRA CHOAIRY OLIVEIRA

LINGUAGEM, DISCURSO E PODER EM MICHEL FOUCAULT

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Davi Galhardo Oliveira Filho

São Luís
2024

Oliveira, Sílvia Andressa Pereira Choairy
Linguagem, discurso e poder em Michel Foucault. / Sílvia Andressa
Pereira Choairy Oliveira. – São Luis, MA, 2024.
58 f

Monografia (Curso de Graduação em Filosofia Licenciatura) -
Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Davi Galhardo Oliveira Filho.

1.Linguagem. 2.Sujeito. 3.Discurso. 4.Poder. 5.Filosofia
contemporânea. I.Título.

CDU: 808:1

SÍLVIA ANDRESSA PEREIRA CHOIRY OLIVEIRA

LINGUAGEM, DISCURSO E PODER EM MICHEL FOUCAULT

Monografia apresentada ao Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Licenciada Plena em Filosofia.

Aprovado em: 23 / 01 / 2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente

DAVI GALHARDO OLIVEIRA FILHO

Data: 26/01/2025 19:00:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Davi Galhardo Oliveira Filho (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão



Documento assinado digitalmente

FABIOLA DA SILVA CALDAS

Data: 26/01/2025 18:41:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Fabíola da Silva Caldas
Universidade Federal do Maranhão



Documento assinado digitalmente

KAMILA FERNANDA BARBOSA SAMPAIO

Data: 26/01/2025 18:41:42-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Kamila Fernanda Barbosa Sampaio
Secretaria de Educação do Governo do Estado do Maranhão

Dedico a mim mesma (Sílvia Choairy), por toda a minha resiliência, pelo companheirismo e por nunca desistir de mim mesma.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo, primeiramente, a Deus, que jamais abandona alguém. Gostaria de agradecer aos meus guias, que estão sempre comigo, tendo muita paciência, me guardando e me abençoando; à minha mãe, Cabocla Mariana, que está comigo nos meus momentos mais difíceis; à minha mãe, Pomba Gira Cigana, dona de meus caminhos; e aos demais não citados.

Gostaria de agradecer à minha família, que consegue me estressar mais do que qualquer coisa, e que eu tanto amo e não vivo sem: meus irmãos, Vanessa e Isaías, e meus pais, Silvana e Márcio.

Gostaria de agradecer às minhas amigas, que conheci ainda no ensino médio, Ester e Francielen, por estarem comigo há longos 10 anos de amizade; às amizades que fiz no decorrer do curso e que farão sempre parte da minha vida, Luanna sempre parceira; e um agradecimento especial a Ana Ruth — sem ela, essa entrega não iria existir.

Agradecer ao meu amigo Rildon, que foi meu torcedor diário, sempre preocupado com o meu bem-estar e com a minha felicidade. E agradecer ao amor da minha vida, meu companheiro e melhor amigo, meu namorado Hellian Collins. Ao meu filho Nolan, que sempre melhora meu dia, e Bailey, que é sempre muito carinhoso.

Ao Cesar Choairy, que sempre me inspirou, sempre acreditou em mim, que é como um pai, sempre cuidando de mim. Meu psiquiatra Dr. Roberto Oliveira, que sempre se preocupa com meu bem-estar. E minha psicóloga, Marina Vasconcelos, que me conhece há longos 7 anos, nunca desistiu de mim e me conhece melhor do que ninguém, sem ela eu não seria metade da mulher que me tornei.

Também não poderia deixar de agradecer ao curso, ao professor William que sempre foi o maior incentivador da minha turma, a secretária Lindanir, que sempre fez além do que estava ao seu alcance pelo curso e pelos alunos. E claro, não menos importante, ao meu orientador Davi Galhardo, por acreditar no meu trabalho e na minha capacidade. E ao professor Roberto Carvalho, que me ajudou em minhas leituras.

Quando consideramos o quão natural e benéfico é para o homem identificar sua linguagem com a realidade, percebemos o nível de sofisticação que teve de alcançar para ser capaz de se dissociar delas e fazer de cada uma objeto de estudo.

– André Martinet

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral: analisar as inter-relações entre linguagem, discurso e poder, a partir de Foucault (dando ênfase a como a linguagem e o discurso podem ser usados para desafiar as estruturas de poder estabelecidas). Objetivo específicos: argumentar que enquanto a linguagem atua como um meio de expressão e um sistema de organização do pensamento e regulação dos comportamentos sociais, o discurso atua como um mecanismo de controle, na medida em que define verdades e limita o acesso ao saber; demonstrar como as práticas discursivas criam e reforçam a percepção do mundo, e como complexas relações de poder surgem nas interações cotidianas. Também iremos explorar como as práticas discursivas criam e reforçam a percepção do mundo, apontando a relevância das ideias de Foucault para o entendimento das dinâmicas sociais contemporâneas e das complexas relações de poder que surgem nas interações cotidianas, e compreender a disciplina como mecanismo de poder para docilização dos corpos que apresenta-se entre outras instituições, nas escolas. Na modernidade, principalmente com Kant, a disciplina terá um papel fundamental de humanização do homem. Em síntese, essa pesquisa convida à reflexão crítica sobre como a linguagem e o discurso podem ser usados para desafiar as estruturas de poder estabelecidas.

Palavras-chave: Linguagem; Sujeito; Discurso; Poder; Filosofia contemporânea.

ABSTRACT

This research has the general objective of analyzing the interrelations between language, discourse, and power, based on Foucault (emphasizing how language and discourse can be used to challenge established power structures). Specific objectives: to argue that while language acts as a means of expression and a system for organizing thought and regulating social behaviors, discourse acts as a mechanism of control, as it defines truths and limits access to knowledge; to demonstrate how discursive practices create and reinforce the perception of the world, and how complex power relations emerge in everyday interactions. We will also explore how discursive practices create and reinforce the perception of the world, highlighting the relevance of Foucault's ideas for understanding contemporary social dynamics and the complex power relations that arise in everyday interactions, and understanding discipline as a mechanism of power for the docilization of bodies that appears, among other institutions, in schools. In modernity, especially with Kant, discipline will play a fundamental role in the humanization of man. In summary, this research invites critical reflection on how language and discourse can be used to challenge established power structures.

Keywords: Language; Subject; Speech; Power; Contemporary philosophy.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LINGUAGEM E DISCURSO	14
2.1 A Linguagem e a Escrita do Mundo	15
2.2 A Sutura, o Sujeito e o Discurso	24
3 DISCURSO E PODER	33
3.1 O Discurso Como Prática e a Relação Saber-Poder	34
3.2 A Ordem do Poder Enquanto Ordem Discursiva	43
4 CONSIDERAÇÕES	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Paul-Michel Foucault (1926-1984) nasceu em Poitiers, na região centro-oeste da França, em uma família abastada de médicos. Tido como um dos mais importantes filósofos franceses do século passado, exerceu grande influência sobre os intelectuais contemporâneos das mais diversas áreas do conhecimento humano (filosofia, sociologia, história, antropologia, psicologia etc.). Aluno da Sorbonne, formou-se em filosofia e psicologia. Em 1954, publicou *Doença Mental e Psicologia*¹, seu primeiro trabalho acadêmico de fôlego, anunciando os traços gerais de seus interesses de pesquisa posteriores (a subjetividade, a doença, a loucura, enfim, o “outro”, na esteira do pensamento estruturalista então vigente)². Foucault veio cinco vezes ao Brasil, a primeira em 1965, provocando e incomodando significativamente os anos de chumbo da ditadura militar tupiniquim³. No final dos anos 1970, foi “descoberto” pela universidade de Berkeley, na Califórnia, onde passou a realizar palestras com certa regularidade.

A filosofia de Foucault enfoca a relação entre poder e conhecimento, ou ainda, a interação entre sujeito e ambiente etc., e como a sociedade é controlada por meio de distintas instituições. Dessa forma, embora esse pensador francês seja frequentemente lembrado como estruturalista e/ou pós-modernista, o fato é que ele rejeitou esses rótulos, preferindo enxergar a sua reflexão como uma história crítica da modernidade. Por isso mesmo, é lícito afirmar que suas ideias tiveram (e continuam tendo) um impacto profundo nos debates acadêmicos e sociais em geral.

Destarte, o presente trabalho propõe-se a investigar justamente a relação que existe entre linguagem, discurso e poder segundo Michel Foucault. Com efeito, pelo menos desde *As palavras e as coisas* (1966)⁴ esse debate ocupa uma posição de destaque no corpus foucaultiano. De fato, já nessa oportunidade Foucault pensa a linguagem como estruturante do mundo, ou seja, para ele a linguagem não se traduz em caráter secundário da existência humana, mas, como fundamento do próprio mundo. Com efeito, essa discussão reaparece em suas lições de juventude, notadamente em *A ordem do discurso* (1971), mas, também, em sua reflexão sobre

¹ Foucault, 1975.

² Cf. Dosse, 1993.

³ Cf. Kiffer *et al* (2015).

⁴ Foucault, 2007a.

o discurso e o poder, em *Vigiar e punir* (1975) etc. Em todos esses casos, como veremos, Foucault debruça-se sobre a correlação entre linguagem, discurso e poder, pensando esses conceitos como primados da vida humana.

Para demonstrar em que sentido essas reflexões podem se tornar compreensíveis, tanto quanto os conceitos e proposições que lhe são inerentes, o presente trabalho está estruturado em dois momentos fundamentais. Para fins didáticos, eles se chamam i) “Linguagem e Discurso” e ii) “Discurso e Poder”.

No capítulo intitulado como “Linguagem e Discurso”, discutiremos as relações entre linguagem e discurso a partir do método de análise estruturalista utilizado pelo filósofo francês. Alguns conceitos dos quais iremos tratar são: a escrita do mundo, a linguagem, a escrita enquanto ser da linguagem, e discurso, isto é, signos que organizam a estrutura do pensamento humano, o discurso como mecanismo de controle, e a exclusão e a seleção que organiza o saber e estabelece limites de acesso ao conhecimento e aos meios de poder.

Logo na primeira seção, cujo título é “A Linguagem e a Escrita do Mundo”, destacaremos como Foucault compreende o fazer da escrita como prática que constitui e intervém nas relações de poder, de modo que, a escrita deixe de ser algo simples e assume uma posição importante, a de saber, e o ser da escrita.

Além disso, na seção segunda, que está assinada como “A Sutura, o Sujeito e o Discurso”, desenvolveremos a relação sujeito e discurso formada por ações e práticas históricas sociais que definem como o sujeito se insere análogo ao saber. Nesta seção, o discurso se apresenta como estruturas de poder que converte a identidade e a percepção do mundo ligado ao sujeito.

Ademais, no capítulo intitulado como “Discurso e Poder”, investigaremos as conexões entre discurso como prática e a relação saber-poder e a ordem do poder enquanto ordem discursiva, a fim de compreender a aplicabilidade do discurso enquanto dispositivo de poder utilizado na sociedade.

Logo na primeira seção, nomeada como “O Discurso Como Prática e a Relação Saber-Poder”, notaremos como o discurso, em forma de linguagem em uso, se organiza como um conjunto de regras históricas, culturais, determinadas no tempo e espaço se transforma junto com o avanço da sociedade, caracterizando assim, as práticas discursivas como provenientes dos discursos e ligadas às práticas sociais.

Em tempo, na seção intitulada como “A Ordem do Poder Enquanto Ordem Discursiva”, sublinharemos que o poder, por estar nas relações, se encontra incessantemente sobre o corpo como dispositivos para seu exercício, como é o caso dos suplícios que ocorrem sobre os corpos condenados. Os dispositivos de poder são métodos sutis e exemplos do uso do poder na sociedade, que dão forças aos meios de poder já existentes e que, por sua vez, dão objetivos para determinados fins.

No segundo capítulo, o método de pesquisa foi a genealogia de Foucault, que após a sua perspectiva arqueológica, ele passa a focar as suas reflexões nas questões do poder e estratégias de controle do discurso. A genealogia mostra as rupturas e descontinuidades dos discursos, mostrando como as relações de poder exercem influência na produção de conhecimento e a criação dos sujeitos. Ela revela os mecanismos históricos que sustentam o presente, e ao questioná-los, ela desafia as certezas, abrindo espaço para novas possibilidades. Como diria o próprio Foucault (1979): “a genealogia é cinza; ela é meticulosa e pacientemente documentária. Ela trabalha com pergaminhos embaralhados, riscados, várias vezes reescritos”. Em vista disso, se trata de procurar as características particulares que constituem o conhecimento, as concepções e o saber.

Em suma, o presente trabalho consiste em demonstrar que, para Foucault, o homem tem a idade da sua língua, pois é através dela que deixamos rastros das nossas atividades ao longo dos anos. Por isso mesmo, é através da sua dobra sobre o sujeito que a linguagem é capaz não só de ter conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo, mas, também, de dominá-lo. Portanto, é isso que torna o estudo sobre a linguagem e a sua relação com o poder um tema atual e necessário, no qual nossas relações, construções e desenvolvimentos se dão no decorrer de nosso tempo. Assim, a linguagem tem a função de representar nossos pensamentos e nos dar acesso ao conhecimento, para que possamos fazer uso dela para a construção de um mundo melhor – ou pelo menos diferente do que conhecemos.

2 LINGUAGEM E DISCURSO

No presente momento buscaremos evidenciar em que sentido as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault sobre a linguagem e o discurso devem ser compreendidas. Sob forte influência do paradigma estruturalista, Foucault pensará em sua juventude a linguagem enquanto um sistema de signos que organiza e estrutura o pensamento humano, não somente como meio de expressão, mas como um sistema de poder constituído nas bases do saber. A linguagem está ligada às relações de poder, sendo um conjunto de enunciados que refletem a realidade e ao mesmo tempo regulam comportamento, relações e práticas sociais, e pensar a linguagem em toda a sua complexidade. De modo semelhante, o filósofo francês argumenta que o discurso deve ser compreendido como um mecanismo de controle, exclusão e seleção que funciona de modo que o poder possa ser considerado verdadeiro dentro de uma sociedade. Assim sendo, o discurso organiza o saber e estabelece limites ao acesso do conhecimento e a participação nos meios de poder.

Ademais, para levarmos esse caminho investigativo ao êxito, articularemos neste capítulo conceitos fundamentais como: Linguagem, escrita, sujeito e o discurso e o elemento de sutura, sob a ótica foucaultiana, no intento de estabelecer a importância de pontos fundamentais para o desenvolvimento da presente pesquisa.

De saída, na primeira seção, intitulada como “A linguagem e a Escrita do Mundo”, articularemos o modo como Foucault compreende o fazer da escrita como uma prática que não apenas escreve, menciona ou transmite ideias, mas que constitui e intervém nas relações e ações de poder, que a escrita passa a ser, o ser da escrita. Em outros termos, portanto, buscaremos aqui evidenciar que a linguagem não é um sistema aleatório, e sim complexo, sendo concebida e integrada ao mundo, e ao mesmo tempo faz parte dele, e a escrita, por sua vez, desempenha um papel fundamental na criação do mundo social e cultural.

Ademais, na segunda seção, cujo título é “A Sutura, o Sujeito e o Discurso”, mostraremos que a relação entre sujeito e discurso não é espontânea, mas formada por ações e práticas históricas e sociais que definem a maneira que sujeito compreende a si mesmo e o mundo. Além disso, será abordado de que modo

o discurso se comporta enquanto elemento de sutura e, como as estruturas de poder transformam a identidade e percepção do mundo conectado com o sujeito.

Em suma, este capítulo visa explicar que a perspectiva foucaultiana nos apresenta a linguagem e o discurso como elementos e práticas fundamentais para compreender as dinâmicas de poder, da produção do saber e da estruturação do sujeito na conjuntura social e histórica. Da mesma forma que, a linguagem como a escrita no mundo como uma prática que intervém nas relações e ações de poder e como função sutural que unem elementos da escrita com o objetivo de unir significados e formular conceitos.

2.1 A Linguagem e a Escrita do Mundo

Em uma bela reflexão filosófica, logo no início de sua obra *As palavras e as coisas* (1966), Michel Foucault se permite pensar sobre a importância do fazer filosófico propriamente dito. Nessa oportunidade, ele explicita que essa tarefa se inicia não somente com um exercício de leitura. Bem ao contrário, o fazer filosófico seria produto de um verdadeiro confronto com os textos, sobre o que estudamos dos filósofos ao longo da História da Filosofia e, por extensão, com a própria escrita. Assim, para o filósofo francês, o mais importante não seria a fidelidade sobre aquilo que se fala, mas, sim, o próprio estranhamento que mexe com a nossa percepção de mundo, do mesmo e do outro, quando nos debruçamos sobre um objeto.

Dessa maneira, em um interessante exercício de metalinguagem como ponto de partida, Foucault confessa que a escrita que tem sob os olhos é de fruto da escrita de outrem. De fato, seu livro de 1966 teve origem em um texto de Jorge Luis Borges (1899-1986) e no riso que sua leitura lhe provocou, perturbando as familiaridades do seu pensamento, evidentemente, moldado por uma época e por uma geografia. Esse riso, segundo Foucault, é capaz de desestabilizar todas as estruturas ordenadas e os planos que conferem sentido à multiplicidade dos seres, fazendo oscilar e inquietando, por longo tempo, nossa prática ancestral de distinguir o Mesmo e o Outro (Foucault, 2007a).

Com efeito, impende destacar que no interior de sua obra, Foucault desvela a tentativa filosófica de compreender o fenômeno humano e a sua relação com o mundo por meio da linguagem, mas para além do próprio sujeito e da própria

linguagem, ele busca esclarecer a necessidade de seu aparecimento. Desde uma perspectiva foucaultiana, portanto, é lícito sustentar que se comunicar é essencial para as nossas relações, e também primordial para adquirirmos conhecimento (Pereira, 2011).

Para Foucault (2007), em uma relação mútua, a linguagem pensa o homem, e este por sua vez, com o uso da linguagem, é capaz de representar seus pensamentos e de ter acesso ao conhecimento. Como bem destaca Fiorin (2002), a linguagem é um fenômeno complexo que pode ser analisado sob muitas perspectivas porque é permeado por muitas diferenças. De fato, a linguagem é ao mesmo tempo pessoal e social, física e espiritual. Por isso mesmo, o fato de a linguagem poder ser considerada como liberdade social e ao mesmo tempo social não é contraditório.

Nesse horizonte, podemos pensar uma concepção da linguagem que envolve diversas dimensões, em que a linguagem não pode ser restringida por um ponto de vista unilateral, seja de condições sociais, culturais, físicas, individuais ou psicológicas. Inversamente, torna-se mais frutífero pensar a linguagem em toda a sua complexidade. Explicamos: imaginemos que não pudéssemos ter acesso ao mundo, se o universo estivesse fechado e incomunicável, se ele apenas continuasse sendo um enorme e terrível desconhecido... Assim seria a vida se não existisse a linguagem. Logo, é através dela que somos capazes não só de conhecermos a nós mesmos, mas, também, de conhecermos o Outro e de nos conectarmos com ele (Pereira, 2011).

Destarte, em um mundo de intensa socialização, habitado por bilhões de pessoas diferentes, é por meio da linguagem, e a sua função de sutura, que podemos criar pontes, nos conectar, termos acesso ao conhecimento etc. Outrossim, é através dela, da linguagem, que as ciências conseguem identificar as informações e elementos que elas possuem em comum.

Para Foucault (2007), no século XVI, a linguagem real não se constituía como um conjunto de signos independentes, uniformes e lisos, em que as coisas iriam se refletir como em um espelho para anunciar uma por uma a sua verdade singular. Em seu ser bruto, a linguagem não é um sistema aleatório, ela foi dada ao mundo, e ao mesmo tempo faz parte dele, porque as próprias coisas ocultam e

manifestam seu enigma como uma linguagem, as palavras se apresentam aos homens como coisas a serem decifradas.

Segundo Foucault, o destacado reformador da educação, humanista e lógico francês Petrus Ramus (1515-1572) dividia a gramática em duas partes fundamentais: a etimologia e a sintaxe. No que tange à etimologia, Ramus pensava-a não em seu sentido de buscar a origem das palavras, mas as suas propriedades intrínsecas das letras, das sílabas, das palavras inteiras. Quanto à sintaxe, Foucault destaca que Ramus entendia que sua função era propedêutica, na medida em que se dedicava a constituir palavras em virtude de suas possibilidades, com o intuito de instruir sobre a formação conjunta das palavras através de suas propriedades, o que consistia, basicamente, "quase só na concordância e mútua comunhão das propriedades, como a do nome com o nome ou com o verbo, do advérbio com todas as palavras a que ele se junta, da conjunção na ordem das coisas conjugadas" (Foucault, 2007a, p. 47).

Nesse horizonte, as palavras unem sílabas, as sílabas letras, porque nelas existem virtudes que as aproximam e as separam, assim como as marcas no mundo se contrariam e se envolvem. A função representativa da linguagem, de ser o que é por ter um sentido, apesar de ser importante para a gramática do século XVIII, não terá aqui utilidade (Foucault, 2007a). Já os estudos da gramática do século XVI estão na mesma posição epistemológica em que está a ciência da natureza ou as disciplinas esotéricas. O filósofo Foucault (2007a, p. 58) acrescenta que, as únicas diferenças são:

há uma natureza e várias línguas; e, no esoterismo, as propriedades das palavras, das sílabas e das letras são descobertas por um outro discurso, que permanece secreto, ao passo que na gramática são as palavras e as frases de todos os dias que enunciam por si mesmas as suas propriedades.

Como visto, Foucault compara aqui dois modos de abordar a linguagem: o esoterismo e a gramática. No primeiro caso, as características das palavras, das sílabas e das letras são encontradas por um outro discurso. No segundo caso, as palavras e as frases diárias é que enunciam por si mesmas as suas características. Destacando a pluralidade das línguas humanas, na qual a linguagem é uma construção social, cultural, múltipla e transformada por contextos históricos.

A relação entre as palavras e coisas é intrínseca, verbo e ação se misturam na criação do mundo, a linguagem está entre as representações físicas da natureza e os conceitos ocultos dos discursos esotéricos. Essa representação física da natureza perdeu a sua transparência original, encontrando-se dividida e alternada, Foucault vê a natureza como a primeira escrita do mundo, essa possui em sua superfície marcas que já possuem em si mesmas a intenção de significar algo, para que o homem possa assim decifrar. Desse modo, não se trata de um homem criador, mas sim de um homem que apenas descobre (Foucault, 2007a).

Em suas reflexões, revisitando um célebre tema bíblico, Foucault também busca repensar a visão cristã da linguagem. Nesse escopo, vale lembrar que Adão e Eva, quando de sua criação, detinham uma linguagem transparente, sincera, ou seja, imediata. Mas, com a sua queda do Jardim do Éden, eles passam a ser obrigados a decifrar e assemelhar. Outrossim, a transparência da língua é ainda mais perdida com a destruição da torre de Babel, como forma de castigar os homens, isso conclui então a perda da primeira razão de ser da linguagem. Com efeito, o filósofo francês argumenta que a similitude e seus espaços vazios são a base das línguas que conhecemos e falamos hoje, e o hebraico, como língua primária e modelo de fonte, é usado para interpretar o sentido das coisas, como fragmentos do saber primário e original (Foucault, 2007a).

Essas reflexões foucaultianas guardam certa proximidade com aquelas desenvolvidas anteriormente pelo “jovem Benjamin”. De fato, em seu texto nomeado como *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem* (1916), Walter Benjamin dirá que:

Os signos necessariamente se confundem, lá onde as coisas se complicam. À servidão da língua na tagarelice segue-se a servidão das coisas na doidice quase como consequência inevitável. Nesse distanciamento das coisas, que foi a servidão, surgiu o plano de construção da torre de Babel e, com ela, a confusão entre as línguas (Benjamin, 2011, p. 69).

Como visto, também para o filósofo berlinense, Babel é paradigmática dessa dificuldade comunicativa que impera na vida humana. Evidentemente, esse quadro irá se espriar ainda mais no contexto da sociedade capitalista moderna. Por isso mesmo, comentando o pensamento de Walter Benjamin, portanto, Davi Galhardo (2025a, n.p.) dirá que:

com a ocupação cada vez maior do espaço social pela forma-mercadoria, a comunicação entre iguais se torna supérflua e, na maioria das vezes, a partilha de experiências autênticas e de cultura também. 'Antigamente era natural, entre pessoas que dialogavam, ir ao encontro do ponto de vista do outro; hoje, pergunta-se logo pelo preço dos sapatos ou do guarda-chuva' [diz Benjamin].

De qualquer maneira, impende notar que para Foucault (2007) a linguagem de tentativa de retorno à sinceridade é o latim, que aproximava as palavras com as coisas. Esse idioma fora usado pela Igreja Católica, na medida em que se apresentava como o idioma da nova aliança, que aproximava o universal do particular e vice-versa. Assim, sobre a linguagem que já não se assemelha, podemos dizer que:

Mas se a linguagem já não se assemelha imediatamente às coisas que denomina, nem por isso ela se apartou do mundo; continua sob outra forma, a ser o lugar das revelações e a fazer parte do espaço em que a verdade simultaneamente se manifesta e se enuncia (Foucault, 2007a, p. 59).

Evidenciando assim o papel crucial da linguagem e suas múltiplas interpretações, compreender a linguagem é saber o próprio processo de construção do saber. Dessa forma, a linguagem que não se assemelha de imediato às coisas da qual ela denomina, não deixa de fazer parte do mundo, mas permanece sob um outro aspecto de espaço de revelações, em que a verdade é, não como algo dado, mas como algo que se manifesta, se enuncia.

Dessa maneira, Foucault entende que as línguas se conectam ao mundo por analogias mais do que por significação, ou seja, o seu valor de signo e a sua função de redobro se sobrepõem. A linguagem é mais analogia do que significado, e sobre sua relação com a totalidade do mundo. O entrelaçamento da linguagem e das coisas em um espaço comum, faz supor um privilégio da escrita. E a escrita é a marca distinta do Ocidente no Renascimento (Foucault, 2007a).

Desde uma perspectiva foucaultiana, portanto, a escrita passa a ser, o ser da linguagem. No seu sentido amplo, o próprio mundo é uma escrita, o próprio criador é um escritor, e a escrita humana é uma analogia à escrita do criador, que só é possível através de decifrações do livro da natureza, através de assimilações e assinalações. Os sons da voz apenas são parte da transitória e contingente transição da linguagem. Se o mundo é algo a ser decifrado e o sentido é algo cumulativo, se faz necessário e importante o registro, a escrita (Foucault, 2007a).

Segundo Foucault, tanto Blaise de Vigenère como Claude Duret, falavam em termos similares, que na natureza, a escrita precede a fala, e talvez até o saber dos homens. Pois era possível que antes de Babel, e até mesmo do Dilúvio, houvesse uma escrita constituída das próprias marcas da natureza, de forma que esses caracteres tivessem poder para atuar de forma direta sobre as coisas, atraindo ou repelindo, figurando as suas propriedades, virtudes e segredos. Assim, Vigenère e Duret possuem até mesmo um pensamento um tanto machista e antiquado quando falam que a linguagem seria a parte feminina, o intelecto passivo, e a escrita o intelecto agente, "o princípio masculino" da linguagem, somente ela seria a verdadeira (Foucault, 2007a).

Seja como for, o fato é que se trata de não fazer distinção entre o que se vê e o que se lê, entre o que se observa e o que se relata, em vista disso, o olhar e a linguagem se entrelaçam até o infinito. Ao invés de uma ruptura imediata da linguagem que se desdobra, sem a possibilidade de lhe fixar um termo, há aqui a repetição incessante do comentário. A natureza é, em si mesma, uma trama contínua de palavras e marcas, narrativas e caracteres, discursos e formas. O ser da linguagem é a escrita, no seu sentido amplo, o próprio mundo é uma escrita, o próprio criador é um escritor, e a escrita humana é uma analogia a escrita do criador, possível através de decorações do livro da natureza, através de assimilações e assinalações (Foucault, 2007a).

Frente ao exposto, podemos então perceber que no século XVI há duas formas indissociáveis: primeira, há uma escrita que não tem distinção entre o que se vê e o que se lê, as palavras são sagradas, assim como as pessoas não mudam o sentido dos textos ao longo do tempo; segunda, o que se lê se desdobra em significados além do que se vê (Foucault, 2007a).

Portanto, a pedra de toque é que a linguagem é autossuficiente e se ampara em si mesma, tem um princípio interno de propagação em si mesma. Trata-se de uma relação inevitável que a linguagem do século XVI estabelece consigo mesma. Uma relação de encadeamento até o infinito da linguagem que não cessa de se desenvolver, retornar e sobrepor um sobre às outras, e as suas sucessivas formas (Foucault, 2007a).

Nesta junta, a linguagem do século XVI não foi entendida como uma parte na história da língua, mas como uma experiência cultural global, absorvida por esse

jogo no interstício do texto primitivo e do infinito da interpretação. A experiência da linguagem pertence à mesma rede arqueológica que o conhecimento das coisas da natureza. Conhecer tais coisas era tornar evidente o sistema das semelhanças, as tornando próximas e solidárias umas com as outras (Foucault, 2007a). Mas o exame da linguagem, por certo, não se esgota por aqui.

Interrogando-se sobre as relações existentes entre a língua e a essência humana, Foucault advoga que o próprio surgimento do sujeito está intrinsecamente ligado à linguagem. De igual modo, o desenvolvimento da linguagem seria então dependente de uma noção de sujeito própria da modernidade (Foucault, 2007a).

Ora, o ponto central aqui, portanto, é que a noção de sujeito empírico surge no desenvolvimento da linguagem, e a linguagem tem como essência a questão ontológica, em uma relação mútua. Há, pois, uma noção de sujeito feita por estruturas, onde essas possibilitam ao sujeito as condições que tornam possíveis o desenvolvimento da linguagem, o conhecimento do mundo empírico e de si mesmo, e esclarecendo as conjunturas necessárias do seu aparecimento (Pereira, 2011).

No interior de sua obra, Foucault (2007) tenta compreender o fenômeno humano e a sua relação com o mundo através da linguagem, para além do próprio sujeito e da própria linguagem, elucidando as necessidades e condições de seu aparecimento. Assim, o centro do projeto foucaultiano consiste em identificar a episteme que implementou os conceitos e noções (conhecimentos) que permitiram o recente aparecimento desse sujeito do conhecimento.

É muito célebre a passagem na qual Foucault afirma que o homem é uma criação muito recente – considerando a marcha da história de um ponto de vista ocidental. Ademais, o filósofo francês também argumenta que o próprio fim dessa invenção talvez já não esteja tão distante. Nos termos do próprio autor, isso significa dizer então que:

o homem, por seu turno, entra, e pela primeira vez, no campo do saber ocidental. Estranhamente, o homem — cujo conhecimento passa, a olhos ingênuos, como a mais velha busca desde Sócrates — não é, sem dúvida, nada mais que uma certa brecha na ordem das coisas, uma configuração, em todo o caso, desenhada pela disposição nova que ele assumiu recentemente no saber. Daí nasceram todas as quimeras dos novos humanismos, todas as facilidades de uma “antropologia”, entendida como reflexão geral, meio positiva, meio filosófica, sobre o homem. Contudo, é um reconforto e um profundo apaziguamento pensar que o homem não passa de uma invenção recente, uma figura que não tem dois séculos, uma

simples dobra de nosso saber, e que desaparecerá desde que este houver encontrado uma forma nova (Foucault, 2007, p. XX).

Com efeito, a leitura de arquivos e documentos de autores como Kant, Adam Smith, Nietzsche e outros, fez Foucault engendrar uma nova concepção de sujeito no cenário filosófico, diferente do sujeito existencialista criador de sentidos que validava a sua angústia para dar sentido a si, ao mundo e a sua existência. Foucault (2007) pensa um sujeito sob a base da estrutura, isto é, segundo o estruturalismo⁵ – pelo menos provisoriamente! –, pensando um sujeito a partir do que o precede, considerando suas condições necessárias do conhecimento.

Patrice Maniglier, em seu belíssimo artigo “*A aventura estruturalista*”, descreve a atmosfera intelectual francesa na época da publicação de *As palavras e as coisas* (1966), oferecendo-nos uma espécie de exposição concisa do surgimento e papel do método estrutural. Vejamos:

Michel Foucault, em *As palavras e as coisas* (1966), tinha acabado de fazer do estruturalismo a nova filosofia parisiense, que deveria obscurecer o existencialismo: essa filosofia afirmava que o sujeito não é aquilo que dá sentido ao universo (pela angústia de sua liberdade); o sujeito apenas se limita a realizar possibilidades já inscritas em códigos tão inconscientes quanto as regras gramaticais (Maniglier, 2009, p. 09).

Em vista disso, a nova concepção de sujeito nesse cenário filosófico, é bem diferente do sujeito existencialista, que era criador de sentido e se valia da sua liberdade, angustiado frente ao mundo para dar significado a si, ao mundo, às coisas, e toda a sua existência nadificante. Neste diapasão, vale retomar algumas palavras bem conhecidas de Jean-Paul Sartre:

O existencialismo nada mais é do que um esforço para tirar todas as consequências de uma postura atéia coerente. Esta não pretende, de modo algum, mergulhar o homem no desespero. Mas se, tal como fazem os cristãos, se decide chamar desespero a qualquer atitude de descrença, nossa postura parte do desespero original. O existencialismo não é tanto um ateísmo no sentido em que se esforçaria por demonstrar que Deus não existe. Ele declara, mais exatamente: mesmo que Deus existisse, nada mudaria; eis nosso ponto de vista. Não que acreditemos que Deus exista, mas pensamos que o problema não é o de sua existência; é preciso que o homem se reencontre e se convença de que nada pode salvá-lo dele próprio, nem mesmo uma prova válida da existência de Deus. Nesse sentido, o existencialismo é um otimismo, uma doutrina de ação, e só por má fé é que os cristãos, confundindo o seu próprio desespero com o nosso, podem chamar-nos de desesperados (Sartre, 2014, p. 44).

⁵ Para uma visão bastante crítica do ambiente estruturalista nos anos 1950 e 1960 na França, ver Galhardo (2025b).

Em contraposição ao existencialismo, que entende o sujeito a partir da sua produção de angústia frente ao nada da existência, o estruturalismo, por sua vez, irá pensar esse sujeito sob a base da estrutura, pensando o sujeito a partir do que o precede e constitui, considerando as condições necessárias ao conhecimento. Deste modo, Foucault advoga:

Dir-se-á, pois, que há ciência humana, não onde quer que o homem esteja em questão, mas onde quer que se analisem, na dimensão própria do inconsciente, normas, regras, conjuntos significantes que desvelam à consciência as condições de suas formas e de seus conteúdos (Foucault, 2007a, p. 505).

Portanto, para Foucault, só era possível falar do homem a partir do que o construía e o procedia, desse modo, a partir da estrutura e das condições de possibilidade do conhecimento. Por sua vez, para pensar o sujeito a partir do estruturalismo, e de *As palavras e as coisas* (1996), há a possibilidade de conhecimento que gera a linguagem, pois a noção de ambas (sujeito e linguagem), estão ligadas e conectadas sob a estrutura (Pereira, 2011).

Na filosofia de Kant, Foucault encontrará dados da filosofia moderna e a sua concepção de sujeito sob um olhar de finitude, pensando um sujeito moderno como sujeito de conhecimento, que é também histórico e datado, que tem em si mesmo as possibilidades de conhecimento, em contrapartida ao sujeito empírico. Temos então, um sujeito que não é criador de sentidos, mas criado por códigos estruturantes que moldam o sujeito de cada época (Pereira, 2011).

Destarte, Foucault compreende que é necessário falar primeiramente sobre a linguagem para depois falar do homem. O filósofo francês inverteu a pesquisa sobre o homem e a sua falsa ilusão de que ele precede tudo, e em posse de sua liberdade cria línguas e linguagens para que o mundo se torne comunicável. Desse modo, ao longo de *As palavras e as coisas*, Foucault percebeu que o homem tem a idade da sua língua e é formado por ela, um ciclo sem fim onde falar do homem é falar da linguagem, e falar da linguagem é falar de suas comunidades linguísticas que ainda existem e das que já desapareceram, sendo assim, nos vemos de novo falando desse sujeito complexo (Pereira, 2011).

Para conhecermos essa noção recente de sujeito, se faz necessário estudar as práticas sociais, pois essas moldam a linguagem da qual ele faz uso para

construir a imagem de si mesmo e da sua comunidade linguística. E, para Foucault, a linguagem pode ser encarada como uma prática social, sempre se renovando, criando representações, traduzindo pensamentos. Ela está em todos os lugares, e possui em si mesma a potência de se renovar a cada instante, fazendo representações e traduzindo pensamentos, sendo onde se desenrolam as tramas dos discursos. Visto que o mundo é linguagem, através de sua função sempre nova e renovada, torna o próprio mundo e o homem, sujeitos por meio dela (Pereira, 2011).

Com efeito, é lícito ampliarmos nosso olhar e reconhecemos que, nas obras de Michel Foucault, há uma oportunidade de questionar tanto a compreensão das relações intersubjetivas quanto os métodos de construção do sujeito. Por certo, isso possibilita que o sujeito resista aos mecanismos de sujeição que lhe são impostos. Ora, essa abordagem é evidente, especialmente no pensamento do “último Foucault”, onde se destaca a cultura de si e os processos de subjetivação e afirmação do sujeito como agente do conhecimento. De fato, esses trabalhos revelam o mesmo horizonte que temos sob os olhos, a saber, a preocupação fundamental com a noção de sujeito.

Em síntese, nada no pensamento de Foucault é estanque, seu sujeito não é criador de sentidos, e sim criado por códigos estruturantes que o formam em cada época. Dessa forma, as Ciências Humanas não estão separadas, mas possuem a mesma *arché*. A linguagem é, pois, aquilo que costura o homem e as humanidades.

2.2 A Sutura, o Sujeito e o Discurso

Do mesmo modo que a linguagem constitui um ponto de investigação privilegiado na trajetória de Foucault, ela possui um papel central no desenvolvimento das Ciências Humanas. Com isso, para Foucault, elas também são linguagens que comunicam representações sobre o homem. Mas como a linguagem se voltou para este ser finito? Em um movimento reflexivo no qual esse homem moderno, diante de si mesmo, por meio da linguagem, passa a vislumbrar a sua própria finitude e o que lhe está posto a conhecer (Pereira, 2011). Não obstante, no que se refere ao ser da linguagem e ao ser do homem, Foucault declara que:

Mas pode ser também que esteja para sempre excluído o direito de pensar ao mesmo tempo o ser da linguagem e o ser do homem: pode ser que haja aí como que uma indelével abertura de tal forma que seria preciso rejeitar como quimera toda a antropologia que pretendesse tratar do ser da linguagem, toda concepção da linguagem ou da significação que quisesse alcançar, manifestar e liberar o ser próprio do homem (Foucault, 2007a, p. 468).

É impossível negar a relação intrínseca entre a linguagem e o sujeito. É através da linguagem que o homem passa a conhecer o mundo, a si mesmo, a representar seus pensamentos, a ter noção da sua condição e da sua finitude. Através dessa relação sujeito e linguagem que o homem percebe sua finitude e o seu conhecimento limitado, o que nos revela um parecer antropológico da crítica da finitude (Pereira, 2011).

Por isso, não é possível falarmos do homem sem antes falarmos da linguagem, visto que, é a linguagem que liga o homem, e não o contrário. É ela que ordena e representa o pensamento, dando acesso ao mundo e conhecimento. A idade do homem é a idade da sua língua, ela é o rastro e o registro mais antigo das suas atividades. E para conhecer esse sujeito formador de palavras, é necessário conhecer a sua linguagem, pois é através dela que podemos conhecer sua visão de mundo, como ele o organiza e conhece suas comunidades linguísticas (Pereira, 2011).

Como apresentado pelo professor José Luiz Fiorin (2002, p. 44), “na medida em que o homem é suporte de formações discursivas, não fala, mas é falado por um discurso”. Nesse contexto, para conhecer o homem, esse sujeito recente, é necessário se inclinar sobre as tramas da linguagem, pois é a principal ferramenta para se pensar o homem (Pereira, 2011).

Ainda segundo Fiorin (2002, p. 16), “é no nível do discurso que devemos, pois, estudar as coerções sociais que determinam a linguagem”. Os homens, uma vez definidos pelas coerções sociais, são adaptados bem como a linguagem que eles usam para construir imagens de si mesmos e da comunidade linguística a que pertencem (Pereira, 2011).

Ao longo de *As palavras e as coisas* (1966), Foucault percebeu que o homem não tem só a idade da sua língua, mas é também formado por ela. Inserido em uma espiral sem fim, na qual falar do homem é falar da linguagem, e por conseguinte, falar sobre a linguagem é falar das comunidades linguística que

existem ou desapareceram, nos vemos novamente falando do homem, desse sujeito complexo.

Nesse prisma, Foucault também se mostrou capaz de analisar com a merecida importância à temática do discurso. Para o filósofo francês, a própria linguagem pode ser encarada como uma prática social, que ocasionalmente é datada como o homem, mas tem em si a eficácia de se renovar a cada instante, construindo representações do mundo, do homem, traduzindo pensamentos, estando em todos os lugares, sendo a malha onde se entrelaçam todos os fios da trama dos discursos. O mundo é linguagem, e o mundo e o homem se tornam sujeitos através dela, diante da sua função sempre nova e renovada (Pereira, 2011).

Nesse diapasão, é importante ressaltarmos que a obra de Foucault em comento, “*As palavras e as coisas*” (1996), faz parte de seu período arqueológico. Sobre esse seu período específico e produção intelectual, Judith Revel (2010, p. 79) esclarece-nos o significado com precisão. Vejamos:

Ora, a arqueologia não é uma história no sentido estrito na medida em que trata de reconstituir bem um campo histórico, Foucault, na realidade, mobiliza diferentes dimensões (filosófica, econômica, científica, política etc) a fim de obter as condições de emergência dos discursos do saber geral de uma época dada.

Nesse âmbito o método arqueológico de Foucault trata de reconstruir da melhor forma um campo histórico, e ao se debruçar sobre as Ciências Humanas, ele tem como finalidade identificar uma arqueologia geral, evidenciando o que era comum nas diferentes Ciências Humanas. Sua intenção era se aprofundar em cada uma delas, de modo a adquirir o elemento que as une, revelando o saber característico e geral de uma época, sua *episteme*. Desse modo, o autor realizou um corte transversal nas ciências do homem, uma sutura onde se sobressai a linguagem (Pereira, 2011). Sobre seu método arqueológico, Judith Revel (2010, p 80, [tradução nossa] apud Pereira, 2011) explica que: “Esta articulação é, evidentemente, inteiramente histórica: ela possui uma data de nascimento – e toda a sua aposta consiste em considerar igualmente a possibilidade do seu desaparecimento.”

Ainda de acordo com Revel, o método arqueológico e sutural de Foucault é totalmente histórico, e a sua data de nascimento está no interior do seu próprio

pensamento. Ou seja, o fato é que Foucault vai se deslocando conceitual e metodologicamente em sua trajetória.

De fato, é evidente a mudança do Foucault a partir de 1970, especialmente a partir da sua aula inaugural no Collège de France, publicada sob o título de *A ordem do discurso* (1971)⁶. Nessa oportunidade, ele deixa clara a sua preocupação com o discurso e a relação com o poder, isto é, não se trata mais das relações estruturantes das ciências humanas, Foucault se aprofunda agora na reflexão do discurso como prática social, onde essa perpassa pela relação reguladora do poder, e por consequência, suas instituições (Pereira, 2011).

Esse período nos revela que Foucault estudou bastante as Ciências Humanas para caracterizar uma arqueologia geral. Ele apontava sobre o que as diferentes Ciências Humanas tinham em comum, se aprofundando em seus saberes e alcançando o elemento que as une. Também entendia que as ciências, não estão separadas entre si, mas dispõem e apresentam um mesmo princípio fundamental. Assim, a linguagem é um fenômeno complexo que ultrapassa as diferenças e as barreiras entre as ciências do homem, ela é um objeto de difícil apreensão, que tudo permeia. Ela não é objeto de uma única ciência, portanto, todas as formas de conhecimento podem e fazem uso dela (Pereira, 2011).

Dessa forma, Foucault desenvolve uma reflexão sobre o discurso como prática social, transcorrendo pela relação do poder e suas instruções, deixando de lado as relações estruturais das Ciências Humanas. Sobre sua experiência intelectual Foucault (2007a, p. 08), declara que: “começo não haveria; e no lugar de ser aquele do qual vem o discurso, eu seria antes, ao acaso do seu desdobramento, uma estreita lacuna, o ponto do seu desaparecimento possível”.

Em outras palavras, não se trata mais de uma arqueologia das ciências humanas. Agora, a principal preocupação que orienta Foucault é o possível desaparecimento do autor, do homem, da metodologia, das aproximações metodológicas e das ciências humanas. Ora, isso se justifica pelo fato de que Foucault considerava todo o conhecimento finito e datado. Como se o novo nascesse velho, condenado a desaparecer, limitado ao instante de sua existência. Assim, o discurso é sempre comedido por novas práticas de poder, o que igualmente

⁶ Foucault, 2009.

ocorre com as aproximações metodológicas. Novos dispositivos, novas tecnologias, necessitam de novos modos de análise de aproximação. O novo e o renovado são por elas instaurados (Pereira, 2011).

Com base na orientação arqueológica da linguagem e das ciências desenvolvidas por Foucault, Fiorin (2002, p. 08) apresenta uma clara afirmação a respeito da linguagem, ou seja, argumenta que:

A linguagem é um fenômeno extremamente complexo, que pode ser estudado de múltiplos pontos de vista, pois pertence a diferentes domínios. É ao mesmo tempo, individual e social, física, fisiológica e psíquica. Por isso, dizer que a linguagem sofre determinações sociais e também goza de uma certa autonomia em relação às formações sociais não é uma contradição.

Assim sendo, inicia-se um período de descoberta de uma arqueologia estruturante, no qual a pesquisa a respeito da linguagem excedeu os ideais consagrados, como a linguística, a filosofia, o estudo da gramática, a sua história, e a análise do discurso. Dessa maneira, a importância da linguagem foi evidenciada, reintroduzida, no que lhe concerne, como preocupação fundamental no cerne do programa estruturalista (Pereira, 2011).

A linguagem do século XVI, compreendida como uma experiência cultural global, foi introduzida neste jogo, no intervalo do texto primitivo e do infinito da interpretação. Desta maneira, a linguagem sugere restituir um discurso totalmente primitivo, que só pode ser enunciado à medida em que é abordado, tentando dizer ao seu objetivo coisas semelhantes a ele, fazendo nascer até o infinito as fidelidades vizinhas e similares da interpretação (Foucault, 2007a).

Aqui, o comentário se assemelha indefinidamente ao próprio tema ao qual comenta e nunca consegue enunciar. Logo, o presente jogo infinito da natureza encontra a sua ligação, a sua forma e a sua limitação na relação do microcosmos ao macrocosmo. Deste modo, o trabalho infinito do comentário se restaura pela promessa de um texto verdadeiramente escrito em que a interpretação um dia irá revelar na íntegra (Foucault, 2007a).

Para Foucault (2007), a relação entre linguagem e discurso é evidente em suas análises. Esses conceitos articulam os diferentes saberes sobre o homem, contudo, revelam os limites da linguagem como estrutura de síntese. O discurso das ciências humanas tem a intenção de unir o conhecimento sobre o homem,

historicamente condicionado e atravessado por relações de poder. A linguagem, enquanto fundamento do discurso, não é estável e nem universal, contudo, está submetida às transformações das epistemes.

Foucault (2007) destaca que a linguagem e o discurso não somente estruturam o pensamento, mas também determinam o que seria, ou não, possível dizer em uma época. O discurso organiza o espaço do visível e do enunciável, por meio dos seus limites e regras, determinando as condições de existência do saber. À vista disso, *As palavras e as coisas* (1966) constatou que a relação entre linguagem e discurso é fundamental para entendermos as rupturas epistemológicas que marcam a história do pensamento e a construção das formas de conhecimento humano.

Isto significa que a linguagem como acontecimento complexo, ultrapassa os diferentes obstáculos entre as ciências do homem. Ela é esse objeto de difícil entendimento, ela tudo transpassa, e não é objeto particular de uma única ciência, pelo contrário, todas as ciências podem fazer e fazem uso dela (Pereira, 2011).

Definir o que vem a ser a linguagem é de fato muito difícil, tendo em conta que a sua infinita amplitude e capacidade de abarcar tudo é tida como sua primeira característica. Contudo, Roman Jakobson faz um esforço para determinar o que vem a ser a linguagem, e acaba nos passando a mesma concepção:

A linguagem é realmente a própria fundação da cultura. Em relação à linguagem, todos os outros sistemas de símbolos são acessórios ou derivados. O instrumento principal da comunicação portadora de informação é a linguagem (Jakobson, 2003, p. 28).

Isto é, a linguagem é tão ampla que abrange outros sinais de símbolos, como Jakobson salientou, nela contém o princípio da formação da cultura, e é precisamente por esse fato que as palavras nunca dão conta de contê-la, ou de determiná-la por completo, visto que ela, a linguagem, supera todas.

Entre as palavras e as coisas existe a linguagem, ela sutura os elementos e possui um caráter multifacetário, sem ela não existiria conhecimento, e a comunicação nunca existiria. A linguagem é a sutura perfeita que liga todas as coisas, e ela que liga as Ciências Humanas e o homem às suas práticas sociais. Acima de tudo, temos então, a linguagem como uma função, ou se preferirmos,

como uma atividade, que possibilita a representação do pensamento e a comunicação dos conhecimentos humanos (Pereira, 2011).

A linguagem é a sutura que liga tudo, que conecta as Ciências Humanas, que liga os homens às práticas sociais do discurso, da sexualidade, das proibições e do poder. Podemos então dizer que Foucault percebe a linguagem como função, que possibilita a representação do pensamento e a comunicação entre os conhecimentos humanos (Pereira, 2011). Mas o que significa esse termo sutura?

Em seu livro *Sutures sémiotiques*, Herman Parret retoma esse termo da botânica, e de outras áreas que aparentemente não teriam nada a acrescentar à discussão a respeito da linguagem. Vejamos:

Conhecemos evidentemente o sentido do termo sutura em cirurgia, um pouco menos o seu emprego na botânica. Uma sutura, em botânica, nos ensina o dicionário da língua francesa, é o nome dado às linhas geralmente pouco salientes que indicam os pontos onde as rupturas aconteceram (Parret, 2006, p. 07).

Ora, isso quer dizer que a sutura é a união de partes onde é possível ver a saliência que as une. É a linguagem que cumpre esse papel. Desse modo, não existe a linguagem ideal, e sim a sua prática de tudo ligar, unir, encadear. A linguagem é a atividade que liga tudo. Nesse exemplo de Parret sobre o termo sutura, é possível vermos como a linguagem é intercambiável, e de forma livre transita por entre as inúmeras práticas sociais, passando as várias esferas do campo social e por elas sendo determinada, simultaneamente é determinante na construção do conhecimento (Pereira, 2011).

A função sutural da linguagem seria a de sempre criar sentidos, possibilitando a comunicação do conhecimento. A linguagem é acima de tudo uma função. Essa atividade possibilita a representação do pensamento e a comunicação dos conhecimentos humanos. Ora, é por isso que transcorrer sobre as ciências humanas possibilitou que Foucault percebesse, de forma privilegiada em *As palavras e as coisas*, o que o ligava e colocava em referência às ciências humanas. Embora diferentes, todas deixavam o rastro que as uniam, a saber, sua relação sempre submissa ao uso da linguagem. Isso só aconteceu através do processo arqueológico, que em *As palavras e as coisas* (1996) é essencial (Pereira, 2011).

Após esse período arqueológico, digamos assim, Foucault entra em sua próxima fase metodológica que chamamos de “genealógica”. Nesse momento, ele

procura as particularidades que formam o conhecimento, as percepções e o saber, direcionando seus pensamentos a questões como o poder e estratégias de controle do discurso (Ferreirinha; Raitz, 2010).

Para falarmos de poder, se faz necessário antes conhecermos a etimologia da palavra poder, que vem do latim vulgar *potere*, substituído do latim clássico *posse*, que vem a ser a contratação de *potis esse*, "ser capaz"; "autoridade". Desse modo, na prática, a etimologia da palavra poder é sempre uma ação que expressa força, persuasão, controle e regulação (Ferreirinha; Raitz, 2010).

Na esfera social, conforme um famoso dicionário de filosofia, a palavra poder, seja pelo indivíduo ou instituição, determina que "a capacidade de este conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. O poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado (...)" (Blackburn, 1997, p. 301). Apesar de que, de acordo com o pensamento foucaultiano, esse pode ser praticado de forma consciente ou inconsciente, e constantemente de forma deliberada (Ferreirinha; Raitz, 2010).

No dicionário comum da língua portuguesa, é possível encontrarmos 18 sinônimos para o significado de poder, dos quais podemos evidenciar: "ter a faculdade ou o direito, de: poder determinar algo"; "dispor de força ou autoridade"; "direito de deliberar, agir ou mandar" (Ferreira, 2001, p. 577).

Apresentar tais definições e significados se faz necessário para destacarmos da melhor forma possível o pensamento de Foucault em relação ao poder. Ele não estudou o poder para criar teorias de poder, mas para identificar os sujeitos que atuam sobre os outros sujeitos. Para ele, o poder se afasta das ideias tradicionais onde ele é visto como algo que pode ser possuído ou detido por indivíduos e instituições. Contrariamente, ele define o poder como uma tecnologia abrangente que permeia todas as relações sociais, o retratando como uma maquinaria que produz efeitos de dominação através de estratégias e táticas (Ferreirinha; Raitz, 2010). Preliminarmente, poderíamos destacar que Foucault defendia que:

Poderíamos assim opor dois grandes sistemas de análise do poder: um seria o antigo sistema dos filósofos do século XVIII, que se articulava em torno do poder como direito originário que se cede, constitutivo da soberania, tendo o contrato como matriz do poder político. Poder que corre

o risco, quando se excede, quando rompe os termos do contrato, de se tornar opressivo. Poder-contrato, para o qual a opressão seria a ultrapassagem de um limite. O outro sistema, ao contrário, tentaria analisar o poder político não mais segundo o esquema contrato-opressão, mas segundo o esquema guerra-repressão; neste sentido, a repressão não seria mais o que era a opressão com respeito ao contrato, isto é, um abuso, mas, ao contrário, o simples efeito e a simples continuação de uma relação de dominação. A repressão seria a prática, no interior desta pseudo-paz, de uma relação perpétua de força (Foucault, 1979, p. 226).

Em síntese, o poder para Foucault, como veremos, apresenta uma visão complexa e multifacetada, uma vez que se revela como uma trama de relações sociais que se exprimem por meio do discurso. Essa perspectiva instiga as noções tradicionais de poder em que algo pode ser dominado ou possuído, e impõe uma análise sutil das dinâmicas sociais contemporâneas (Ferreirinha; Raitz, 2010).

3 DISCURSO E PODER

No presente momento buscaremos evidenciar em que sentido as reflexões desenvolvidas por Michel Foucault sobre o discurso e o poder devem ser compreendidas. Para Foucault, existe a regra de que o discurso muda de acordo com as tradições, o contexto histórico e as condições sociais de cada período. Da mesma forma, o filósofo francês acreditava que o poder não deveria ser entendido como poder absoluto, mas como um sistema que existe nas relações humanas e é apoiado por leis e princípios da disciplina humana que nos governam. Destarte, o poder se manifesta como verdade estabelecida em narrativas e é reafirmado por aqueles que agem contra os oprimidos.

Para levarmos esse caminho investigativo ao êxito, articularemos neste capítulo conceitos fundamentais como: discurso, prática social, regulação, controle, relações de poder e construção histórica, a relação saber-poder e seus aspectos, a produção de verdades, disciplinamento social e transformação social etc.

De saída, na primeira seção, intitulada como “O Discurso Como Prática e a Relação Saber-Poder”, iremos explicitar o modo como Foucault compreende o discurso e sua organização enquanto prática que está relacionada com todas as outras práticas que envolvem a sociedade. Em outros termos, portanto, buscaremos aqui evidenciar que o discurso é um compilado de regras que sofrem adaptações de acordo com o tempo, a história e a cultura, que está rente a sociedade em constante mudança.

Ademais, na segunda seção, cujo título é “A Ordem do Poder Enquanto Ordem Discursiva”, mostraremos que o poder por si só mostra uma insuficiência, pois trata-se de uma verdade que está convencionada nos discursos e marcada por aqueles que legitimam sua força sobre os que são reprimidos, aceitando em sua mente esse mecanismo. Em outras palavras, trata-se de entender que o poder não é desinteressado e/ou desprovido de historicidade em sua violência.

Em suma, este capítulo busca explicar o poder presente nos discursos da sociedade e sua relação com a produção de saberes. Destarte, há um poder exercido sobre os corpos, que, desde o século XVI, manifestou-se por meio de suplícios. Por isso mesmo, Foucault analisa essa questão a partir de dois princípios fundamentais: a vigilância e a punição. Como veremos, esses mecanismos são

formas pelas quais o poder se impõe na sociedade, especialmente nos sistemas prisionais. Com efeito, os dispositivos de poder atuam de maneira sutil, estruturando práticas e discursos que moldam comportamentos e orientam determinados fins, consolidando a relação entre saber e poder – ainda em nossos dias.

3.1 O Discurso Como Prática e a Relação Saber-Poder

Em nossos dias, há no cenário teórico-metodológico diversas possibilidades e ferramentas para o estudo da linguagem e do discurso na sociedade. Outrossim, acreditamos que se mostra mais relevante desenvolver pesquisas que abordem o discurso, a um só tempo, como conceito e como prática social. Por certo, ainda que este seja um dos conceitos centrais em investigações e análises discursivas, o fato é que a própria noção de discurso não está pacificada na fortuna crítica. Com efeito, embora haja controvérsias em torno do conceito de discurso, a perspectiva desenvolvida por Michel Foucault, parece-nos, é amplamente reconhecida como um dos pilares mais fundamentais para os estudos sobre discurso e práticas discursivas de que dispomos.

De acordo com Ferreira e Traversini (2013, p. 208-210) o discurso é entendido como sendo "a linguagem em uso", isto é, condiz com determinada situação que envolve a comunicação entre sujeitos sobre determinado assunto, sobre quem se comunica e para quem este está se comunicando. Dessa forma, não há discurso em abstrato, ou ainda, fora da realidade constituída.

Foucault (2007b, p. 136) propõe que o conceito de discurso seja abordado de forma mais detalhada, ele mesmo fala que “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram, em uma dada época, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa”. Portanto, tal conceito faz com que o leitor compreenda que o discurso excede a sua condição de uso da linguagem em si, uma vez que também deve ser visto como uma prática social com o poder de trazer mudanças e transformações para a sociedade (Petersen *et al*, 2022).

No pensamento de Foucault, em sua obra *A ordem do discurso* (1970), a compreensão de discurso deve seguir o entendimento de que a organização do mesmo é tão importante quanto o próprio discurso, sobretudo em se tratando de questões acadêmicas e cidadãs, pois o sujeito possui a responsabilidade de

aprender sobre as técnicas e procedimentos, na intenção de existir uma compreensão melhor sobre o significado do discurso do comunicante (Foucault, 2009).

O estudo sobre as práticas discursivas e práticas sociais são um frequente debate para diversas áreas tanto da linguística como outras esferas, como o direito, a psicologia, a sociologia e outras, elas realizam discussões em torno do discurso e qual seria o seu real significado, e seu tangível efeito na vida dos sujeitos enquanto sociedade (Petersen *et al*, 2022).

Os estudos de Foucault se destacavam pelo envolvimento que ele possuía com o poder na sociedade a partir das práticas discursivas, e no enfrentamento dos antigos padrões de pensamentos que estavam enraizados na sociedade buscando a verdade e o saber, ele ressalta também a necessidade de estudo sobre questões que envolvem o discurso, o poder, e a subjetivação (Ferreirinha; Raitz, 2010).

Em seus estudos, Foucault (2009) traz a ideia de que o discurso não é apenas uma forma de se expressar diante do outro, mas uma prática que está relacionada com todas as outras práticas que envolvem a sociedade, isto é, Foucault afirma que o discurso é um conjunto de regras que se ajustaram conforme o tempo, a cultura, a história, estando em constante transformação ao passo que a sociedade avança, dessa forma, caracterizando as práticas discursivas como provenientes do discurso e ligadas às práticas sociais. Sobre a sociedade e a produção do discurso, Foucault (2009, p. 08-09) irá dizer que:

a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.

Segundo Foucault (2009), na sociedade em que vivemos e conhecemos, existem alguns procedimentos de exclusão, dos quais se destacam três grandes sistemas de exclusão que atingem o discurso, a interdição (a palavra proibida), a segregação da loucura (a censura do louco, oposição da razão e a loucura), e a vontade de verdade (oposição entre o verdadeiro e o falso). Onde iremos falar de cada uma com mais especificidade. Em vista disso, Costa e Fonseca-Silva (2014, p. 55-56) afirmam que:

Foucault compreende que “o discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro. Assim, coloca a relação entre a “logofilia”, uma veneração ao discurso, condensadora de respeito, honra e universalização do mesmo, e uma “aparente logofobia”, um temor de que, mesmo com tantos recursos limitadores, o discurso se proliferasse à revelia e assim fosse levado a um estado de desordem. [...] O exposto permite apreciar e compreender as formas pelas quais, aos olhos de Michel Foucault, as sociedades gerenciam os discursos e, por consequência, direcionam o funcionamento da relação entre saber e poder de modo mais amplo.

Desse modo, o que elas gostariam de dizer, é que Foucault compreende o discurso como um jogo, e que existe uma relação com a logofilia, um respeito aparente pela sociedade do discurso, mas que na verdade é um medo de examinar as condições, o jogo e os impactos do discurso, entretanto, mesmo com esse medo e recursos limitados, o discurso se reproduz.

Se quisermos analisar esse temor e as condições, seu jogo e efeitos, é necessário priorizar por três decisões cujo nosso pensamento, ainda resiste um pouco, e equivalem aos três grupos de funções: questionar a verdade; devolver o discurso e seu caráter de conhecimento; e por fim, suspender a soberania do significante (Foucault, 2009).

Foucault, ainda em sua obra *A ordem do discurso* (1970), nos fala sobre o poder que um discurso pode possuir em si mesmo, sobre a importância que a fala direcionada de um determinado grupo de pessoas pode espelhar na sociedade em seu todo (Foucault, 2009). Segundo essa compreensão, Foucault também nos apresenta aos sistemas da sociedade que têm em vista excluir e interditar a validade do discurso, a própria interdição mostra um sistema histórico de separação. Bernardes (2004) comenta que a crítica de Foucault, traz às claras as indagações acerca da Institucionalização do discurso, que lhe concede poderes de exclusão e interdição. Essa crítica garante caminhos metodológicos, assim como a arqueologia, possibilitando adentrar novas camadas, mais profundas, densas e nunca lineares, e ao final denomina como "conjunto genealógico" o projeto de estudos das interdições que atingem o discurso da sexualidade.

Nesse sentido, Azevedo (2013) desenvolve um estudo que aborda o reflexo que as práticas discursivas apontam no funcionamento da sociedade, e como os discursos abrem novos conhecimentos e possibilidades de compreensão de ciências precursoras que não eram possíveis por causa de suas complexidades,

onde a abertura para um discurso mais tangível, torna possível uma mudança na sociedade e no mundo, propiciando uma concepção de saberes que contém em si a pluralidade dos discursos.

Além de instigar seus leitores acerca da aplicabilidade do discurso, Foucault “direciona o discurso e as práticas discursivas como oportunidades do sujeito em realizar transformações sociais na realidade em que este habita” (Petersen *et al*, 2022). Desse modo, o discurso se desenvolveu simultaneamente com a sociedade, de forma que, na contemporaneidade, a linguagem, a comunicação e o discurso, são os instrumentos mais importantes no desenvolvimento e transformação social da atualidade.

É importante falarmos também da relação entre saber e poder, e para tal, Foucault nos esclarece em seus estudos acerca da produção de conhecimento, organizada através da genealogia do poder, onde ele esclarece como a verdade tem uma história, e essa possui ligação com comportamentos, lutas, decisões e poder. Dessa forma, se faz necessário esclarecermos os comportamentos sociais, as lutas e as relações que irão dar origem ao conhecimento. Visto que o poder em si só não existe, e sim as relações de poder expostas em todas as esferas e âmbitos que dão origem ao conhecimento (Bordin, 2014).

Para Foucault (2007b), o saber é aquilo que podemos falar em uma prática discursiva, onde o domínio constitui diferentes objetos que poderão ou não ter o *status* científico, o saber também é o espaço onde o sujeito pode ter lugar de fala dos objetos do qual se ocupa o seu discurso, e também é o campo de coordenação e subordinação dos enunciados, onde os conceitos aparecem, se definem, se aplicam e se transformam e, por fim, um saber é definido por possíveis formas de ser utilizado e adequações oferecidas pelo discurso.

Ora, quando falamos de discursos não podemos deixar de falar também de um de seus princípios limitadores do discurso, o comentário, o seu desnível entre o primeiro e o segundo texto, realiza dois papéis que são solidários um com o outro. Por um lado, se permite construir indefinidamente novos discursos, o primeiro texto para acima, sua permanência e estatuto são reutilizáveis, e a sua essência estabelece a possibilidade aberta de falar. Entretanto, por outro lado, independentemente das técnicas utilizadas, o único papel do comentário é o de dizer, o que é que estava articulado silenciosamente no primeiro texto. O comentário

conjura a contingência do discurso, permitindo que ele diga algo além do mesmo texto, com a condição de que esse mesmo texto seja dito e realizado (Foucault, 2009).

Ademais, outro princípio atenuado do discurso, que de certo modo complementa o primeiro, é o autor, e esse não entendemos aqui como indivíduo falante que pronunciou ou escreveu o texto, mas como início de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, e ponto central da sua coerência. Ao nosso redor existem diversos discursos que circulam sem receber seu sentido e eficácia de um autor, como conversas cotidianas, receitas técnicas no anonimato e etc. Entretanto, existem alguns discursos onde a atribuição do autor é regra, como a filosofia, a literatura e a ciência (Foucault, 2009).

Como diz Foucault (2009, p. 28), “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real”. Claro, não podemos negar que existem indivíduos que escrevem e inventam, esses acabam que possivelmente suas obras retornem à função do autor, entretanto, tudo aquilo que produzem acaba por cair como conversas cotidianas. “O comentário limitava o acaso do discurso pelo jogo de uma *identidade* que teria a forma da *repetição* do mesmo” (Foucault, 2009, p. 28), o princípio do autor acaba limitando esse mesmo acaso onde o jogo de uma *identidade* possui a forma da *individualidade* e do eu.

É necessário também reconhecermos outro princípio de limitação, qual seja, as disciplinas. Essas se opõem aos outros princípios, o comentário e o autor. Ao autor porque uma disciplina se define pelo domínio de objetos, um grupo de métodos, proposições consideradas verdadeiras, um jogo de regras e definições, técnicas e instrumentos, e tudo isso estabelece um sistema à disposição de quem quer e pode se servir dele (Foucault, 2009).

Diferente do comentário, uma disciplina é aquilo que é solicitado para uma construção de novos enunciados. Para que exista disciplina é necessário que exista possibilidade de criação, e de criar indefinidamente proposições. Cada disciplina precisa reconhecer proposições verdadeiras e falsas, entrando, ela afasta para longe, para fora de suas margens, toda teratologia do saber. Uma proposição precisa preencher complexas e pesadas exigências para poder fazer parte do

conjunto de uma disciplina, para poder ser declarada verdadeira ou falsa, ela deve se encontrar "no verdadeiro" (Foucault, 2009).

Foucault (2009, p. 35) ainda acrescenta que: "É sempre possível dizer o verdadeiro no espaço de uma exterioridade selvagem; mas não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'polícia' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos". Desse modo, a disciplina é um princípio de controle da produção do discurso, ela deixa claro os limites pelo jogo de uma identidade que possui a forma de uma reatualização que pertence às regras. Temos o costume de ver na profundidade do autor, na multiplicidade dos comentários e no desenvolvimento de uma disciplina, como os recursos para a criação dos discursos são infinitos. Contudo, não deixam de ser princípios de coerção, e provavelmente só podemos explicar seu papel positivo e multiplicador levando em conta a sua função restritiva e coercitiva (Foucault, 2009). Em tempo, sobre a apropriação social dos discursos e a educação, Foucault (2009, p. 43) irá expor que:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo.

É por esse motivo que Foucault (2007b) afirma também que é necessário irmos além do conhecimento superficial e de senso comum, estudando as relações de forma mais profunda. Por exemplo, quando analisamos a documentação que atravessa a política educacional, é necessário irmos além dos escritos, analisando as relações políticas, históricas e práticas, que são as perspectivas por trás dos textos (Bordin, 2014).

Ainda de acordo com Foucault (2007b), a análise das formas discursivas, das positivities do saber, nas suas relações com a epistemologia e as ciências, é o que chamou de análise da episteme, para distingui-las das outras possíveis formas de história das ciências. A definição da episteme identifica características essenciais: "abre um campo inesgotável e não pode nunca ser fechada; não tem por finalidade reconstituir o sistema de postulados a que obedecem a todos os conhecimentos de uma época, mas sim percorrer um campo indefinido de relações" (Foucault, 2007b).

A epistemologia é caracterizada por vários saberes que envolvem relações, que em um determinado momento, fará o discurso ganhar forma e poder, e esses saberes não são necessariamente racionais e positivistas, pois Foucault direciona a sua preocupação em libertar as ciências dos métodos de pesquisa positiva (Bordin, 2014). Segundo Fischer (2001, p. 199) “[...] o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder”, um discurso é produto da sua época, do poder e saber do seu tempo, ele tem a preocupação de entender como a prática enunciativa acontecia no passado, contudo, busca evidenciar a abordagem como prática do presente do sujeito e como forma de poder (Bordin, 2014).

Ora, é por isso que Foucault orienta que é necessário fazer um levantamento da história, procurando fazer uma reflexão de como o discurso está legitimado, considerando que ele é baseado em pensamentos e condições de mundo de um grupo ou sujeito que busca fazer a sua legitimação de acordo com seus interesses. Nessa conjuntura, Foucault nos traz outro conceito, o de heterogeneidade, que significa que os discursos não são comuns. Para ele, o conhecimento se dá conforme as relações de poder, o conhecimento não é algo intrínseco do homem, mas algo inventado (Bordin, 2014).

Em uma análise casual, se busca saber até que ponto as mudanças políticas e processos econômicos determinaram a consciência dos homens de ciência, a direção de seus interesses, seu sistema de valores, a sua maneira de perceber as coisas e o estilo da sua racionalidade. Desse modo, na época em que o capitalismo industrial estava começando a considerar as suas necessidades de mão de obra, a doença teve uma dimensão social, e a manutenção da saúde, a cura, a assistência aos pobres doentes, e as pesquisas em busca das causas com focos patogênicos, se tornaram uma responsabilidade coletiva, em que o Estado deveria assumir e supervisionar (Foucault, 2007b).

Dessa maneira, podemos perceber que Foucault direciona o conhecimento para o fato das relações, do sujeito e as suas intenções, que nesse contexto, o capitalismo da época era um sistema econômico forte que tinha o *status* de poder. Segundo ele, as relações de poder de cada época determinam a busca de determinado conhecimento (Bordin, 2014).

Acredito então que devemos falar também de um terceiro grupo de procedimentos que permite o controle dos discursos. Este não trata da dominação

dos poderes que ele possui, nem de invocar as aparições do acaso. Esse se trata de estabelecer as condições e de seu aparecimento, impondo aos indivíduos que os pronunciam, regras que não permitem que todo mundo tenha acesso a eles. Se trata da atenuação dos sujeitos que falam, ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfazer as exigências ou se não for qualificado para fazê-lo (Foucault, 2009).

O primeiro princípio é o de inversão, no qual, segundo a tradição, reconhecemos a fonte dos discursos, seu princípio de expansão e continuidade, o papel positivo das figuras como a do autor, da disciplina, da vontade de verdade, entretanto, é necessário reconhecer o jogo negativo de um recorte de uma diminuição do discurso. E após essa descoberta e questionar sua instância fundadora e criadora, é preciso intervir com outros princípios de métodos (Foucault, 2009).

O segundo princípio é o de descontinuidade, no qual os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que se cruzam, e se ignoram ou se excluem. O terceiro princípio é a especificidade, onde se deve compreender o discurso como uma violência que fazemos as coisas, uma prática, que em todo caso, é imposta, e é nessa prática que os acontecimentos do discurso podem encontrar o princípio de sua regularidade. E por fim, a quarta regra, a de exterioridade, não se trata de passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, o íntimo de seu pensamento, a significação que ele evidencia, entretanto, concerne a partir do próprio discurso, da sua regularidade e aparição, deslocar às suas condições externas de possibilidade, o que dá lugar a seus acontecimentos aleatórios, e fixar suas fronteiras (Foucault, 2009).

Para Foucault, a ciência, e assim sendo, o conhecimento, é formado por meio da relação entre sujeitos e poderes. Estudar o funcionamento ideológico de uma ciência fazendo com que ela apareça e possa ser modificada, não é revelar os pressupostos filosóficos que a habilitam, ou retornar os fundamentos que a possibilitam e a legitimam, e sim novamente a colocar em questão como forma discursiva, estudando a formação de seus objetos, enunciações, conceitos e escolhas teóricas. É resgatá-la como prática entre outras práticas (Foucault, 2007b).

Nesse momento, é necessário trazermos o saber e o discurso que Foucault aborda, como uma forma de poder, visto que, para ele, o saber gera poder na pessoa que o legitima (Bordin, 2014). Efetivamente, Foucault (1979) aborda a

relação entre poder e discurso através da ilustração de um triângulo, onde nas pontas temos: poder, direito e verdade. Para ele, o poder é um direito que está inserido na sociedade, visto que somos regidos por leis, com a finalidade de sermos disciplinados. Ele também define o poder como uma verdade que está estabelecida nos discursos, marcada por aqueles que legitimam o seu poder e os que são hostilizados, dessa forma, aceitando em sua *psique* esses mecanismos (Bordin, 2014).

Os discursos de verdade na sociedade são avaliados por meio de comportamentos, linguagens e valores que refletem relações de poder, que podem ou não aprisionar os indivíduos. Cada sociedade possui seu próprio regime de verdade, sua política geral de verdade. Ou seja, os tipos de discurso que ela engloba e faz funcionar como verdadeiros, os mecanismos e instâncias que as possibilitam distinguir os enunciados verdadeiros e falsos, a forma como atestam a veracidade uns dos outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizar para se obter a verdade, o estatuto dos que têm a responsabilidade de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1979).

Foucault elucida que a constituição do saber não é uma consequência da episteme, todavia, é um resultado das práticas de disciplina que se expandem ao longo do tempo e são analisadas, se tratando de uma organização das coisas para produzir conhecimento, mesmo que o que foi dito em determinado momento histórico sobre determinado tema (Bordin, 2014).

Segundo Bordin (2014), Foucault não trabalha como um descobridor das relações de poder dentro das organizações, entretanto, não se pode negar as suas contribuições, principalmente para aqueles que buscam compreender como funcionam as relações entre os indivíduos e a sociedade. Contudo, Foucault não tem a preocupação de elucidar conceitos de poder, e sim em trazer sua forma nas relações, para que possamos compreender melhor a vida em sociedade (Foucault, 1979).

Quando falamos em governos, pensamos em todos os sistemas que podem de uma forma ou de outra, por meio de seus discursos de dominação, causar alguma interferência na vida do ser humano, interferindo na *psique* e fazendo com que a percepção da realidade aceite a dominação. Uma das concepções que o Foucault trabalha é o saber como forma de diminuir do poder, em razão de que o

poder, o controle na contemporaneidade, é praticado com ênfase pela forma de vigiar, desse modo, uma forma de diminuir esse poder é o saber (Bordin, 2014).

Outro ponto importante abordado por Foucault (2007b) e que não podemos deixar de tratar, é o poder do discurso na sociedade e nos indivíduos, pois o exercício do poder pode explicar a produção de saberes. Essa percepção aborda como os saberes são legitimados, determinando discurso e relações de poder. Pois o conhecimento é algo inventado que não nasce da essência do homem, de modo que se atribui poder àqueles que o legitima, e o que se tem como resultado dos confrontos, onde cada sujeito busca fazer dominar uma norma universal que é particular sua, como apresenta na subseqüente frase: “[...] análises das opiniões mais que do saber, dos erros mais que da verdade; não das formas do pensamento, mas dos tipos de mentalidade” (Foucault, 2007b, p. 167).

Em outras palavras, o ato discursivo não é um ato interpretativo, é, no entanto, um ato que busca a legitimação da verdade que é produzida pelo sujeito. Sendo assim, Foucault nos oferece a genealogia como uma forma de investigar as relações de poder que foram apresentadas nas relações entre sujeitos.

3.2 A Ordem do Poder Enquanto Ordem Discursiva

Não constitui novidade que *Vigiar e punir* (1975) é uma das obras mais consagradas, reconhecidas e estudadas pelas universidades de todo o mundo nas mais diversas áreas do conhecimento (filosofia, direito, sociologia etc.). De fato, essa obra de Foucault promove uma investigação a respeito dos processos evolutivos das práticas punitivas, assim como expõe seus objetivos, tecnologias e instituições. Assim, ela se inclina sobre as motivações e as técnicas que estão ocultas nos complexos procedimentos punitivos desde os suplícios, que eram frequentemente praticados em meados do século XVI, até o surgimento, a partir do século XVIII, e consolidação das organizações prisionais como instituições legitimadas no sistema penal⁷.

Segundo Araújo (2018), *Vigiar e punir* (1975) é uma obra densa, conceitual e profunda que expressa de maneira excepcional a complexidade do processo histórico em questão e as variedades e dinâmicas que o envolvem.

⁷ Em nossos dias, esse processo se concretiza no Código Penal brasileiro (Brasil, 1940).

Rapidamente ganhou muita notoriedade, e marcou o triunfo de uma forma de fazer filosofia inovadora, por meio do método que ele chamou de genealógico, "uma análise histórica da produção de saberes a partir de determinadas formas de manifestação do discurso em meio à sociedade e suas instituições", ademais, ela "tem como principal foco do autor a natureza e a prática do poder" (Araujo, 2018). Por esse motivo, influenciou toda ciência social e jurídica do século XX, por ser original, objetivo, ter qualidade, e, além do mais, se revelar essencial para uma percepção sensata da situação institucional contemporânea.

Contudo, importa muito mais notar que para Foucault, de acordo com Brígido (2013), estamos todos envolvidos de alguma forma nessa teia de relações que dão vida e momento ao poder. Ele também recomenda que façamos reflexões sobre a forma como os espaços se organizam e formam o que chamamos de sociedade. Sobre isso, Foucault diz: "[...] é uma máquina que circunscreve todo mundo, tanto aqueles que exercem o poder, quanto aqueles sobre os quais o poder se exerce. Isso me parece ser a característica das sociedades que se instauraram no século XIX" (1979, p. 219).

Ora, é com base nesse entendimento que Foucault começa a sua obra *Vigiar e punir* (1975) descrevendo a execução pública de Damiens, um homem condenado por assassinato em 1757. Como sabemos, a execução foi um incidente de extrema crueldade, onde o corpo foi encontrado. Ele foi exposto e torturado diante de muitas pessoas, não como uma punição pessoal, mas como uma demonstração de poder absoluto e como um meio de fortalecer a ordem pública. Nesse sentido, é lícito dizer que a punição também era considerada um drama, com a intenção de ferir e perseguir, como um aviso aos outros na sociedade (Foucault, 1999). Vejamos:

[Damien fora condenado, a 2 de março de 1757], a pedir perdão publicamente diante da poria principal da Igreja de Paris [aonde devia ser] levado e acompanhado numa carroça, nu, de camisola, carregando uma tocha de cera acesa de duas libras; [em seguida], na dita carroça, na praça de Greve, e sobre um patíbulo que aí será erguido, atezado nos mamilos, braços, coxas e barrigas das pernas, sua mão direita segurando a faca com que cometeu o dito parricídio, queimada com fogo de enxofre, e às partes em que será atezado se aplicarão chumbo derretido, óleo fervente, piche em fogo, cera e enxofre derretidos conjuntamente, e a seguir seu corpo será puxado e desmembrado por quatro cavalos e seus membros e corpo consumidos ao fogo, reduzidos a cinzas, e suas cinzas lançadas ao vento.¹ Finalmente foi esquartejado [relata a Gazette d'Amsterdam]. Essa última

operação foi muito longa, porque os cavalos utilizados não estavam afeitos à tração; de modo que, em vez de quatro, foi preciso colocar seis; e como isso não bastasse, foi necessário, para desmembrar as coxas do infeliz, cortar-lhe os nervos e retalhar-lhe as juntas [...] (Foucault, 1999, p. 09).

Esse é um exemplo de suplício e da utilização do tempo para esse fim. Nada obstante, essa época também foi a época dos grandes escândalos para a justiça tradicional, período em que ocorreu incontáveis projetos de reforma, nova teoria da lei e do crime, uma nova justiça moral e política do direito de punir, a abolição das antigas ordens e suspensão das tradições, um projeto de redenção de códigos modernos para a justiça penal, uma nova era (Foucault, 1999).

Mas, entre as várias modificações que se deram com o desenrolar dos tempos, Foucault se atém a uma: o desaparecimento, justamente, dos suplícios. Mas o que era realmente um suplício? Em linhas gerais, podemos dizer que o suplício é uma penalização que envolve o corpo humano, de forma dolorosa e com altíssima intensidade. Destarte, essa prática também demonstrava que a criatividade humana era infinita, quando se tratava de produzir o sofrimento e a barbárie. Por isso mesmo, com o desaparecimento do suplício como espetáculo, acaba desaparecendo então o corpo como principal alvo da repressão penal. Temos então a extinção do espetáculo punitivo, no mesmo passo em que o cerimonial da pena vai sendo extinto e passa a ser somente um novo ato de procedimento administrativo (Foucault, 1999).

Outrossim, a execução pública passa a ser vista como um fogo que acende a violência. A punição se torna a parte mais vigiada do processo penal, acarretando diversas consequências, e Foucault irá dizer que:

deixa o campo da percepção quase diária e entra no da consciência abstrata; sua eficácia é atribuída à sua fatalidade não à sua intensidade visível; a certeza de ser punido é que deve desviar o homem do crime e não mais o abominável teatro; a mecânica exemplar da punição muda as engrenagens” (Foucault, 1999, p. 13).

Por esse motivo, a justiça deixa de assumir publicamente a parte da violência que se encontra ligada a seu exército. Matar ou ferir deixa de ser uma glorificação de força, e se torna um elemento essencial do qual ela é obrigada a tolerar, e que muito custa impor (Foucault, 1999).

É indecente ser sujeito à punição, mas punir não é nada glorioso. A execução da pena se torna um setor independente, um mecanismo administrativo no qual a justiça é dispensada, se livrando desse mal-estar por meio de um enterro burocrático da pena. O desaparecimento dos suplícios e da eliminação dos espetáculos, é também o encerramento do domínio sobre o corpo (Foucault, 1999).

As práticas punitivas se tornaram repletas de pudor, onde não se deve mais tocar no corpo, ou se possível, tocar minimamente, para atingir no indivíduo, algo que não é propriamente o seu corpo. Assim escreve Foucault: “dir-se-á: a prisão, a reclusão, os trabalhos forçados, a servidão de forçados, a interdição de domicílio, a deportação [...] são penas ‘físicas’: com exceção da multa, se referem diretamente ao corpo” (1999, p. 15).

Segundo essa penalidade, o corpo é colocado em um sistema de cerceamento e privação, de obrigação e interdições. O sofrimento físico e a dor do corpo deixam de ser elementos que compõem a pena. O castigo deixa de ser uma arte das sensações insuportáveis, e passa a ser uma economia dos direitos suspensos. É uma utopia do pudor jurídico, onde se tira a vida evitando que o condenado se sinta mal, e onde se tem uma privação de todos os direitos sem lhe infringir qualquer sofrimento, impondo penas isentas de dor (Foucault, 1999).

O poder sobre o corpo não deixou de existir totalmente até meados do século XIX. A pena não é mais centralizada no suplício como técnica de sofrimento, e o que passa a ser é a perda de um bem ou de um direito. "Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão [...] nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra" (Foucault, 1999, p. 19). Na verdade, nos seus dispositivos mais explícitos, a prisão sempre aplicou medidas de sofrimento físico. Na primeira metade do século XIX, há uma crítica ao sistema penitenciário, na qual se questiona se é justo que um condenado sofra mais do que outros homens, desse modo, a pena se separa de um complemento de dor física (Foucault, 1999).

Pelo código penal, sob o nome de crimes e delitos, sempre se julgaram corretamente as lesões contra os bens jurídicos⁸. “Porém julgam-se também as paixões, os instintos, as anomalias, as enfermidades, as inaptações, os efeitos de

⁸ Para uma compreensão do direito penal contemporâneo a partir do caso brasileiro, ver Masson, Cleber. **Direito penal**: parte geral. São Paulo: Saraiva, 2024.

meio ambiente ou de hereditariedade” (Foucault, 1999, p. 21). O réu passa a ser julgado mediante o recurso de circunstâncias atenuantes, que acrescentam no veredito não somente elementos circunstanciais do ato, mas também coisas juridicamente não codificáveis, o conhecimento do criminoso, suas relações, seu passado, seu crime, e principalmente o que se pode esperar dele no futuro. Também é julgado por noções vinculadas entre a medicina e a jurisprudência desde o século XIX. E o seu comportamento enquanto está preso, seu respeito pela lei, diz se sua pena será diminuída ou aumentada (Foucault, 1999).

Outrossim, Foucault também observa que esse contexto guarda muita proximidade com a introdução da psiquiatria e do laudo psiquiátrico. Para ele, essa prática surge como mais uma antropologia criminal, e o seu encontro com o discurso repousa na criminologia, onde suas funções são bem determinadas. Vejamos:

introduzindo solenemente as infrações no campo dos objetos susceptíveis de um conhecimento científico, dar aos mecanismos da punição legal um poder justificável não mais simplesmente sobre as infrações, mas sobre os indivíduos; não mais sobre o que eles fizeram, mas sobre aquilo que eles são, serão, ou possam ser (Foucault, 1999, p. 22).

Ou seja, há aqui todo um conjunto de julgamentos apreciativos e diagnósticos referentes ao indivíduo criminoso que se encontra acolhido no sistema penal. Logo, a verdade requerida da mecânica judicial foi adestrada por uma verdade que faz da afirmação de cumplicidade um estranho complexo científico-jurídico (Foucault, 1999).

Destarte, voltemos então a nossa atenção a dois princípios apresentados por Foucault que funcionam como dispositivos para o exercício do poder, quais sejam, a vigilância e a punição. De forma mais precisa, dispositivos são formas, meios e caminhos pelos quais o poder se exerce na sociedade. Dispositivos são mecanismos que são usados de forma sutil para dar força aos meios que dão objetivos para determinado fim (Brígido, 2013). Por isso mesmo, acerca dos dispositivos, Foucault nos fala que:

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (Foucault, 1979, p. 246).

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto, sobre o dispositivo: “estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles” (Foucault, 1979, p. 246). Dessa forma, segundo Foucault, o primeiro dispositivo utilizado pela sociedade é a vigilância, e para que ela possa existir, existem custos econômicos e políticos: econômicos por conta da necessidade de investimentos com materiais e pessoas que possam atuar como vigilantes políticos porque se a violência existir, por causa da vigilância, é possível que possa acontecer revoltas, e vigilância acaba por prejudicar a imagem daqueles que estruturam essa força e mantém esses mecanismos (Brígido, 2013).

Foucault descreve o forte poder vigilante que existe nas prisões, nas clínicas de recuperação, nos hospitais, nas escolas, em suma, nos modelos de construção e estruturação dos locais onde se trata do ser humano. Contudo, se cria a filosofia do controle do olhar, para uma maior exatidão acerca da eficácia da vigilância. Desse modo, nasce a figura do inspetor, que de um lugar privilegiado consegue olhar e controlar a todos, o olhar se torna uma forma de vigilância. (Brígido, 2013). Sobre a vigilância, Foucault conclui dizendo que:

O olhar vai exigir muito pouca despesa. Sem necessidade de armas, violência física, coações materiais. Apenas um olhar. Um olhar que vigia e que cada um, sentindo-o pesar sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá essa vigilância sobre e contra si mesmo. Fórmula maravilhosa: um poder contínuo e de custo, afinal de contas irrisório (Foucault, 1979, p. 218).

Portanto, o outro dispositivo analisado por Foucault é a punição. Em sua obra *Vigiar e punir* (1975), ele faz um excelente estudo, quase científico, sobre a evolução histórica da legislação penal e seus métodos coercitivos e punitivos, utilizados pelo poder em forma de repressão, métodos que vão desde violência física a instituições correcionais (Brígido, 2013).

De acordo com Foucault, a aplicação da pena de morte se torna um procedimento complicado, consentindo que a pinica seja oficializada pelo Estado, contudo, ao mesmo tempo, a justiça ou o sistema do estado passa a ter uma certa distância da prática punitiva. Esse distanciamento justifica as ações punitivas. Esses atos são comunicados como indispensáveis para corrigir, reeducar, e curar os

infratores da lei e da ordem. É a institucionalização do direito de castigar e punir (Brígido, 2013).

Ele também investigou outros sistemas de punição, mas centralizou a sua pesquisa na prisão. Para ele, o exercício da opinião se torna natural e legítimo por conta do sistema carcerário, encerra os exageros do castigo, entretanto, legaliza os mecanismos disciplinares. Quando tornam a punição "legal", ela pode ser aplicada pelo poder sem que vejam isso como um excesso. O poder de punir se torna discreto (Brígido, 2013).

De uma forma discreta os dispositivos de vigilância e punição foram inseridos na sociedade, cuidadosamente preparados para parecer significar necessidade. Com a restauração do sistema penal, a pena de morte só aparece em casos extremos, e prisão passa a ser aceita como forma de punição ideal, se transformando em um espaço que irá corrigir, reformar, reeducar e civilizar o indivíduo. Esse elemento punitivo está na usurpação da liberdade, que é vigiada, e correção disciplinar do detento para que ele mude sua forma de agir e se torne produtivo e normal. A prisão faz com que todos sejam produtivos, isto é, ou através do incentivo ou através da punição (Brígido, 2013).

Por meio da necessidade de ordenar as multiplicidades humanas surge a formação da sociedade disciplinar, a sociedade precisa de ordenamento por consequência de uma explosão democrática do século XVIII. Com a necessidade de ordenamento da sociedade, se tem uma preocupação particular em impor disciplina ao corpo, e esse precisa se adequar ao espaço de forma funcional. Essa adequação está implantada em todos os feitos da sociedade e do infinito, logo, em um âmbito geral, como escolas, quartéis e hospitais. A observância do detalhe é a sua principal característica (Brígido, 2013). Do ponto de vista de Foucault sobre esse cuidado com o corpo, ele nos diz que:

Não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitudes, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. (...). Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as "disciplinas" (Foucault, 1999, p. 118).

Dessa forma, o corpo precisa assumir uma postura firme que seja ajustada para mais eficiência. O corpo se torna dócil, podendo ser manipulado, submetido, aperfeiçoado. À vista disso, quando é imposto a disciplina ao corpo existe uma tentativa de impor a toda a sociedade, pois ele não se torna somente obediente, mas também é útil. Desse modo, nasce uma "mecânica do poder", onde os corpos se tornam dóceis e manipuláveis da forma que se quer. O homem moderno nasce nessa investigação minuciosa, que é uma tática utilizada para o controle e utilização dos homens (Brígido, 2013). E a respeito disso, Foucault irá dizer que:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma "anatomia política", que é também igualmente uma "mecânica do poder", está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos "dóceis" (Foucault, 1999, p. 119).

Portanto, o corpo humano entra em uma engrenagem do poder do qual ele é submetido a uma minuciosa investigação que desmonta e monta de novo. A anatomia política é também uma mecânica do poder que define o controle sobre o corpo dos outros, para que ele opere como se quer, e com técnicas sejam definidos de forma rápida e eficaz. Assim sendo, a disciplina cria corpos submissos e instruídos que são dóceis.

Com a preocupação constante de manter a disciplina dos corpos para que sejam úteis a cada momento e cada vez mais, é necessário também que essa população seja familiarizada com essa sociedade, é necessário que haja uma domesticação dessa população. Dessa forma, é possível certificarmos uma mudança que passa de uma visão de massa para uma visão mais individualizante das pessoas, e por conta dessa mudança, é exigido maior eficiência por causa da disciplina imposta (Brígido, 2013).

O homem passa a ser uma engrenagem de uma máquina funcional, onde ele é proibido e invejável falhar, onde cada um se encontra ligado ao outro, e se desenvolve a ideia de que para alcançar ótimos resultados, todos devem desenvolver o seu papel da melhor forma possível, de forma funcional e correta. Para chegar a um resultado positivo, é necessário que exista um eficiente e importante sistema de comando. Não é exigido que a pessoa entenda o

funcionamento do todo, porém, é necessário que ela seja eficiente no espaço dela (Brígido, 2013).

Sem dúvida não podemos deixar de ressaltar, que em nossa sociedade, o tema dos sistemas punitivos devem ser colocados em uma economia política do corpo, pois mesmo que não recorram mais a castigos violentos e sangrentos, mesmo com métodos mais "suaves" de trancar e corrigir, se trata sempre do corpo e de suas forças, da utilidade e da docilidade deles, da sua repartição e submissão (Foucault, 1999).

Há muito tempo os historiadores têm abordado a história do corpo. O corpo está diretamente ligado ao campo político, ele é alcançado pelas relações de poder, e elas o marcam, direciona, supliciam, o sujeitam ao trabalho, o obriga a cerimônias, e lhes exige sinais. Este investimento político sobre o corpo está ligado às suas relações complexas e recíprocas, à sua utilidade econômica. As relações de poder e de domínio, investem no corpo como força de produção, mas essa força de trabalho só é possível se ele estiver preso no sistema de sujeição, o corpo só é uma força útil se ele for simultaneamente corpo produtivo e corpo submisso (Foucault, 1999). Foucault ainda nos acrescenta que:

Essa sujeição não é obtida só pelos instrumentos da violência ou da ideologia; pode muito bem ser direta, física, usar a força contra a força, agir sobre elementos materiais sem no entanto ser violenta; pode ser calculada, organizada, tecnicamente pensada, pode ser sutil, não fazer uso de armas nem do terror, e no entanto continuar a ser de ordem física (Foucault, 1999, p. 25).

Ou seja, pode existir um saber do corpo, que não é precisamente a ciência das suas funções, ou um controle de suas forças e capacidade de vencê-las, esse saber e controle consistem na política do corpo (Foucault, 1999). Desses detalhes surge o que Foucault chama de relações microfísicas do poder, demonstradas de maneira celular, discreta e planejada (Brígido, 2013). Sobre essa microfísica do poder Foucault (1999, p. 30) irá argumentar que: "trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças".

O estudo dessa microfísica do poder conjectura que o poder que é exercido nela não é idealizado como uma propriedade, mas como uma estratégia,

onde seus efeitos de dominação não são atribuídos como uma "apropriação", mas a disposições, a tática, a técnica, a manobra, a funcionalidade. Que antes se apure nele uma rede de relações que são sempre tensas, ativas e privilegiadas. Que também lhe seja dada um referencial, antes de uma longa batalha frente a um contrato com cessões e a conquista de tomar posse de um domínio (Foucault, 1999).

Esse poder não se aplica de forma pura e simples como uma obrigação ou uma proibição aos que "não têm", ele investe neles, passa por eles e os atravessa, se apoia neles, e eles fazem da mesma forma, na sua luta contra esse poder, se apoiam nos pontos dos quais conseguem alcançar. Não é possível derrubar esses micropoderes obedecendo a lei do tudo ou nada, ele não é obtido por um novo controle dos aparelhos, nem por uma nova forma de funcionar ou uma distribuição das instituições. Em contrapartida, nenhum de seus eventos localizados será inscrito na história a não ser pelos efeitos induzidos em toda a rede em que se encontra (Foucault, 1999). "Tudo isso existe na tentativa de manter a ordem. Essas micro-manieras de reproduzir o poder é que dão sustentação a toda essa engrenagem que por aí se sustenta" (Brígido, 2013, p. 13). Por tudo isso, fica evidente que a ordem do poder é uma ordem fundamentalmente discursiva.

4 CONSIDERAÇÕES

O horizonte de compreensão que a presente leitura do pensamento de Foucault permitiu enfocar – com base em sua relação crítica com o estruturalismo –, é o da sua franca tentativa de escrutínio da linguagem, do poder e do discurso na época contemporânea. Em outras palavras, Foucault tinha por fito compreender como a linguagem e os discursos não somente refletem, mas também como constituem e intervêm nas relações de poder dentro da sociedade.

A pesquisa se fundamentou no método genealógico foucaultiano⁹, que revela as discontinuidades e rupturas nos discursos, apresentando como as relações de poder influenciam a produção de conhecimento e a formação dos sujeitos. Tendo como objetivo explicitar que a linguagem é uma ferramenta crucial para a construção de identidades e para a dominação, evidenciando a grande importância de estudar essas dinâmicas para entendermos as estruturas sociais contemporâneas.

Em um primeiro momento, destacamos de que modo Foucault pensa a relação entre linguagem e poder. Para tanto, sublinhamos que a relação entre linguagem e discurso a partir da perspectiva provisoriamente estruturalista de Michel Foucault, sublinhando a linguagem como um sistema de signos que organiza o pensamento humano e o discurso como um mecanismo de controle, no qual se estabelecem limites ao conhecimento e ao acesso ao poder.

Mais de perto, a análise se concentrou em mostrar como a escrita e a linguagem não são simples ferramentas de comunicação, mas práticas que intervêm nas relações de poder e moldam a realidade social. A primeira parte da nossa pesquisa também abordou a exclusão e a seleção que organizam o saber, evidenciando o quanto a linguagem é complexa e profunda, e como se dá a sua inserção no mundo social e cultural.

Ademais, observamos ainda a forma como Foucault pensa a relação entre linguagem e poder. Para tanto, sublinhamos a importância da investigação das conexões entre discurso e poder, salientando como o discurso atua como uma prática que reflete, constrói e regula as relações sociais. Analisando a relação entre saber e poder, fomos capazes de acentuar que o discurso é um mecanismo que

⁹ Foucault, 1999.

organiza o conhecimento e estabelece normas que definem o que é considerado verdadeiro ou falso em uma sociedade (por exemplo, pelo intermédio do direito).

Nesse diapasão, vale ressaltar ainda como os discursos moldam identidades e comportamentos e exploram as estruturas de poder que surgem dos discursos, apresentando como eles induzem a percepção do mundo e a posição dos sujeitos dentro dele. Portanto, nesse sentido, nos pareceu coerente evidenciar a interdependência entre discurso e poder, ressaltando a importância de compreender essas dinâmicas para uma análise crítica da sociedade contemporânea.

Por fim, a proposta do presente estudo consiste finalmente em mostrar a atualidade do debate foucaultiano. De fato, Foucault enxerga a contemporaneidade como um período definido por complexas relações de poder e saber, na qual a linguagem e o discurso exercem papéis centrais na constituição da realidade social. Para ele, a modernidade não é somente um tempo cronológico, mas é também uma configuração histórica que compreende a transformação das práticas sociais, das instituições e, principalmente, das formas de subjetividade.

Ele defende que a atualidade é marcada por uma estrutura de poder que se manifesta nas entidades oficiais, nos hábitos diários e nas interações sociais. Nesse contexto, a linguagem é concebida como um instrumento que não apenas representa a realidade, mas também a modela, orientando condutas e estabelecendo o que é reconhecido como legítimo ou admissível.

Em síntese, Foucault salientava a importância da genealogia do poder, que permite compreender as verdades e os saberes que são historicamente construídos e interligados com as lutas sociais e políticas. Ao final de *Vigiar e Punir* (1975), Foucault (1999, p. 357) arremata dizendo: “interrompo aqui este livro que deve servir como pano de fundo histórico para diversos estudos sobre o poder de normalização e sobre a formação do saber na sociedade moderna”. De fato, esse ensejo se concretizou e seus estudos nos apresentaram e continuam apresentando como a contemporaneidade é percebida como um campo de tensões e disputas. Nesse terreno, as práticas discursivas têm a potencialidade de provocar transformações sociais e desafiar as estruturas de poder estabelecidas. É isso que anima o espírito da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Luis Guilherme Nascimento de. Vigiar e Punir: poder, punição, disciplina e indústria. **Primeiros Escritos**, São Paulo, Brasil, v. 9, n. 1, p. 249–255, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/primeirosescritos/article/view/153056>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- BENJAMIN, W. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. *In*: **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução Susana Kampff Lages. São Paulo: Editora 34, 2011, p. 49-73.
- BERNARDES, G. D. A ordem do discurso, de Michel Foucault. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 7, n. 2, p. 247-250, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/987>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- BUTTURI JÚNIOR, Atilio. SEVERO, Cristine Gorski (Orgs.). **Foucault e as linguagens**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Universidade de Brasília/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.
- BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. **Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, n. 10, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/5088>. Acesso em: 3 jan. 2025.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASIL. **Código Penal**. 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 jan. 2025.
- BRÍGIDO, Edimar Inocência. Michel Foucault: uma análise do poder. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, [S./], v. 4, n. 1, p. 56, 2013.
- COSTA, Aline de Caldas; FONSECA-SILVA Maria da Conceição. Considerações iniciais sobre o controle dos discursos: breve leitura de “A ordem do discurso”, de Michel Foucault. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 14, n. 161, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23889>. Acesso em: 28 dez. 2024.
- DIAS, Fellipe Borges. **A ordem do discurso**: pontos importantes da obra de Michel Foucault. 2014. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/31176/a-ordem-dodiscurso>. Acesso em: 27 dez. 2024.
- DOSSE, François. **História do estruturalismo I: o campo do signo (1945-1966)**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo; Campinas: Ensaio; Editora da Unicamp, 1993.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes; RAITZ, Tânia Regina. As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. **Revista de Administração Pública**, v. 44, p. 2010, p. 367-383.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2002.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n.114, p.197-223, novembro/2001.

FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Tradução Lilian Rose Shalders. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1975.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução Raquel Ramalheite. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade: curso no College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução Márcio Alves da Fonseca. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007b.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)**. Editora Martins Fontes. São Paulo. 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GALHARDO, Davi. **Experiência e cultura em Walter Benjamin e Guy Debord**. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras; Editora PUC-Rio, 2025a (No prelo).

GALHARDO, Davi. Guy Debord e o Estruturalismo: para a crítica do “baixo clero” universitário. In: GALHARDO, Davi (Org.) **Realizar a filosofia: estudos sobre Guy Debord**. São Luís: Editora UEMA, 2025b (No prelo).

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução Luiz Sergio Repa. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KIFFER, Ana et al. (Orgs.). **Michel Foucault no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

MACHADO, R. **Foucault, a filosofia e a literatura**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MANIGLIER, Patrice. A aventura estruturalista. **Revista de Antropologia Estrutural dos alunos do PPGA-USFCAR**, v.1, n.1, 2009, p. 9-15.

MASSON, Cleber. **Direito penal: parte geral**. São Paulo: Saraiva, 2024.

MORAIS, Hugo Arruda de. Michel Foucault e o discurso: as implicações teórico-metodológicas da análise do discurso a partir das perspectivas da arqueologia do saber e da genealogia do poder. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, v. 6, n. 2, 2017, p. 183-196.

PARRET, Herman. **Sutures sémiotiques**. Limoges: Editions, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/35254>. Acesso em: 28 dez. 2024.

PEREIRA, E. A. Sujeito e linguagem em As palavras e as coisas, de Michel Foucault. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 94-101, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/35254>. Acesso em: 26 dez. 2024.

PEREIRA, M. C.; MUNIZ, M. M. J.; LIMA, J. B. Foucault e estudos organizacionais: ampliando as possibilidades de análise. *Revista de Ciências da Administração*, Florianópolis/SC, p. 93-110, maio 2008. ISSN 2175-8077. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/1750/1462>. Acesso em: 05 jan. 2025.

PETERSEN, Pedro Trindade *et al.* O discurso como prática social a partir de Foucault. **Revista Missioneira**, v. 24, n. 1, p. 11-19, 2022. Disponível em: <https://san.uri.br/revistas/index.php/missioneira/article/view/786>. Acesso em: 3 jan. 2025.

REVEL, Judith. **Foucault, une pensée du discontinu**. Paris: Mille et une nuits, 2010.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.

SOUZA, José Pedro G.; GARCIA, Clovis L.; CARVALHO, José F. T. **Dicionário de Política**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1998.

TAYLOR, Dianna. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.